



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**ISADORA SOUSA ALEXANDRE**

**O TRABALHO COM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA:  
registros de uma experiência na Escola do Campo Bento Tenório de Sousa**

**SUMÉ – PB  
2016**

**ISADORA SOUSA ALEXANDRE**

**O TRABALHO COM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA:  
registros de uma experiência na Escola do Campo Bento Tenório de Sousa**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo, na área de Linguagens e Códigos, pela Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Sumé – CDSA, sob a orientação da Professora Dra. Mônica Martins Negreiros.

**SUMÉ – PB  
2016**

A381t Alexandre, Isadora Sousa  
O trabalho com variação linguística em sala de aula:  
registros de uma experiência na Escola do Campo Tenório de  
Sousa. / Isadora Sousa Alexandre. - Sumé: [s.n], 2016.  
99p.

Orientadora: Professora Doutora Mônica Martins  
Negreiros.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande;  
Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso  
de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Linguística. 2. Escola do Campo. 3. Sala de aula. 4.  
Linguagem. 5. Preconceito linguístico. 6. Norma coloquial.  
7. Variação linguística. 8. Livro didático. 9. Língua  
escrita. I. Mônica Martins Negreiros. II. Título

CDU 81(043.1)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

ISADORA SOUSA ALEXANDRE

O TRABALHO COM A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA EM SALA DE AULA: registros  
de uma experiência na Escola do Campo Bento Tenório de Sousa

Data de aprovação 21/07/16

BANCA EXAMINADORA

Mônica Martins Negreiros  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Mônica Martins Negreiros (Orientadora)

Nadège da Silva Dantas  
Prof.<sup>a</sup>. Ma. Nadège da Silva Dantas (Examinador 1)

Valéria Andrade  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Valéria Andrade (Examinador 2)

SUMÉ – PB

2016

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Antonio e Inalzir, que em toda minha vida acadêmica sempre me ajudaram mesmo com todas as dificuldades. Aos meus irmãos, Felipe e Antonio Júnior, pelo incentivo para nunca desistir mesmo na adversidade. E, ao meu esposo, companheiro e amigo, Jorge Luiz, que, mesmo distante, sempre esteve presente e acreditou no meu potencial.

## AGRADECIMENTOS

Depois de uma longa caminhada, em que criei laços de amizades muito fortes, passei por várias dificuldades, como também por muitas alegrias, foram tantas trocas de experiências, conhecimentos adquiridos, momentos de reflexões e discussões que me possibilitaram chegar até aqui. A cada tropeço, a cada muralha derrubada, chego de cabeça erguida, me sentindo uma pessoa renovada, e com a certeza de ter superado e vencido mais uma etapa da minha vida. E nada mais justo do que agradecer aos que fizeram parte dessa caminhada árdua e que abriram junto comigo novos horizontes.

Agradeço primeiramente ao meu bom e amado Deus, por ter me dado força e coragem para enfrentar os obstáculos de cada dia, e por ter me dado discernimento e sabedoria para concluir essa etapa da minha vida acadêmica, e, ainda, por ter sido meu refúgio e fortaleza nos momentos de angústia.

A toda minha família, em especial, aos meus pais Antonio e Inalzir, que, com muito esforço, sempre me ajudaram e foram fundamentais no meu alicerce, oferecendo-me educação e ajudando na minha criação com princípios éticos, morais e cristãos. Em meio à simplicidade e honestidade aprendi muito com eles. Mesmo diante das dificuldades encontradas no caminho nunca desistiram de mim, sempre me deram forças e guiaram meus passos para que pudesse escolher o caminho certo a ser trilhado.

Aos meus irmãos, Felipe e Antonio Júnior, pela amizade sincera, e por todos os momentos que passamos juntos, sempre me fortalecendo e fazendo com que eu seguisse a caminhada, ainda que, muitas vezes, dissessem que não seria fácil, nunca me deixaram fraquejar e insistiram para que eu continuasse. Aos meus irmãos, Izabel e Alexandro, ainda que se encontrem distantes, agradeço pelo carinho e amizade e por fazerem parte da minha família.

Uma eterna gratidão ao meu amigo, companheiro e amado esposo, Jorge Luiz, que, em meio aos obstáculos enfrentados nesses três anos de convivência, superamos de cabeça erguida os momentos difíceis que a vida nos fez passar. Com seu amor e carinho resolveu me esperar, e mesmo distante me acompanhou, me deu forças, apoiando-me e acreditando que eu iria vencer, sempre me motivando para superar as adversidades.

À minha cunhada, Ianne Lima, que sempre me apoiou nos momentos difíceis da escrita deste trabalho, ofertando-me palavras de conforto e, sempre que possível, me ajudando a enriquecer o meu trabalho.

À Maxany e sua família, que, mesmo sem me conhecerem no princípio, me acolheram e ajudaram na caminhada, sempre me incentivando a não desistir. Recordo-me, como se fosse hoje, quando os pais de Maxany me aconselharam afirmando: “se estudar fosse fácil teria muita gente formada no mundo”. Levo essas palavras comigo até hoje como um conselho que o pai dá ao seu filho.

A José Irismar e Edneide pela amizade, carinho e consideração que têm por mim, e por terem contribuído durante este percurso. Saibam que é recíproco o que sentem por mim.

A todos os parentes e amigos que, de forma direta ou indiretamente, acreditaram e me deram toda sua força, ajudando-me de alguma maneira na concretização desse sonho.

Ao meu amigo Erivaldo Tiago, que, com enorme carinho, me ajudou muito. Foram tantos momentos que passamos nesses quatro anos e meio: os conselhos ditos, as preocupações divididas, os momentos bons e ruins compartilhados. Agradeço por me aguentar com meus estresses e abusos de vez em quando, e por sempre disponibilizar seu tempo para me ajudar na produção do TCC. Fico feliz por nunca ter negado sua ajuda, mesmo quando estava muito ocupado.

Às minhas amigas, Viviane Maria e Jozilene, por compartilharmos quatro anos e meio de amizade sincera, por desfrutarmos tantos momentos, umas ajudando as outras. Desejo que essa amizade perpasse os muros da universidade, mesmo que a distância nos separe vocês nunca sairão do meu coração.

A todos os meus queridos amigos de classe que fazem parte da LECAMPO 2012.1, os quais compartilharam comigo tantas experiências de vida, tantos conhecimentos adquiridos, mesmo em meio às tempestades e, em especial, à turma de Linguagens e Códigos: Anderson, Claudiana, Érico, Edvânia, Jaqueline, Jonnat, Valdécia e Viviane, sou grata pelo tempo de convivência, por termos chegado até aqui com a certeza de que somos vencedores. Desejo a todos vocês que Deus ilumine seus caminhos e que ele possa realizar tudo aquilo que desejam e que convenha a Deus realizar. Boa sorte a todos!

A todos que compõem o corpo docente da LECAMPO, aos que partiram para outras universidades e aos que ainda continuam no CDSA, campus de Sumé, que durante toda essa jornada me deram a oportunidade de abrir um leque de conhecimentos, que me moldaram a ser uma pessoa mais crítica e reflexiva, que foram essenciais para minha passagem acadêmica como futura educadora. À professora Alba Cleide, a quem admiro muito, e por quem tenho um carinho imenso. Aprendi muito em suas aulas, mulher de grande carga de conhecimento. À professora Socorro Silva, a quem respeito e me sinto lisonjeada em ter sido sua aluna, sempre mostrando que somos capazes, que, com garra e força de vontade, lutou e luta pelo curso e pela valorização da Educação do Campo de melhor qualidade. Ao professor Faustino Teatino com o qual aprendi a respeitar a diversidade existente na nossa cultura, no nosso país, olhando com os olhos da igualdade. Obrigada pelas palavras de conforto. Agradeço ao professor Almir Anacleto por ter contribuído para a concretização deste trabalho. Em especial agradeço à minha professora e orientadora, Mônica Martins Negreiros, que compartilhou comigo um pouco das intempéries enfrentadas nesse percurso e que sempre esteve comigo durante o processo da pesquisa, me aconselhando, pedindo para que eu tivesse calma e perseverança, afirmando que tudo iria dar certo. Agradeço imensamente pelo apoio, pela cumplicidade, força, pelas correções e incentivos, sempre apontando a direção certa a ser percorrida para a concretização desse trabalho.

Meus sinceros agradecimentos à comunidade escolar Bento Tenório de Sousa, que me acolheu e contribuiu bastante para a minha formação enquanto educadora, oportunizando trocas de experiências como bolsista do PIBID Diversidade através das quais surgiu o interesse em fazer minha pesquisa de campo.

À Universidade Federal de Campina Grande, em especial ao Campus de Sumé CDSA, meus eternos agradecimentos pela oportunidade a mim confiada, sem a qual jamais receberia o honroso título de Licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens e Códigos, do qual irei me orgulhar imensamente e agradecer por toda vida.



“A língua, [...] é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução.”

(Marcos Bagno)

“Cada um de nós, professor ou não, precisa elevar o grau da própria autoestima linguística: recusar com veemência os velhos argumentos que visem menosprezar o saber linguístico individual de cada um de nós”.

(Marcos Bagno)

## RESUMO

Sustentados por uma concepção da heterogeneidade da língua, apoiada pelos estudos da Sociolinguística, e em busca de uma efetivação do trabalho com a variação linguística em sala de aula, objetivamos analisar o processo de ensino-aprendizagem desse fenômeno no Ensino Médio da Escola do Campo Bento Tenório de Sousa, localizada em Monteiro – PB. Nesta perspectiva, buscamos compreender como se desenvolve o trabalho com a variação linguística em sala de aula das três turmas do Ensino Médio, investigando aspectos abordados pelo livro didático além de observar elementos da oralidade dos alunos na interação com a professora. O trabalho apresentado surgiu a partir das vivências como bolsista, na referida escola, como também através de experiências em sala de aula na área de conhecimento linguagens e códigos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFCG/CDSA. O trabalho teve uma abordagem quanti-qualitativa por meio da qual os dados coletados foram tabulados, explorados e quantificados a fim de procedermos à descrição dos resultados obtidos. A coleta de dados foi efetuada a partir da pesquisa de campo através da qual observamos as aulas de Língua Portuguesa dos três anos do Ensino Médio a fim de investigarmos como a temática da variação linguística era abordada, além de procurarmos conhecer a metodologia da Professora no trabalho com esta temática. Analisamos ainda os livros didáticos de Língua Portuguesa das referidas turmas e aplicamos um questionário direcionado aos alunos. Para o desenvolvimento do nosso trabalho e respaldo científico sobre o fenômeno da variação linguística nos apoiamos em teóricos como, Noam Chomsky (1980), Ferdinand Saussure (2006), Marcos Bagno (2002, 2004, 2007, 2011), Mário Eduardo Martellota (2011), Luiz Carlos Cagliari (2009), dentre outros. Depois de todo esse percurso teórico, por meio da pesquisa de campo e a análise dos dados coletados, foi possível constatar que ainda há uma distorção em conceitos básicos como língua e linguagem, como também há lacunas no trabalho com a variação linguística em sala de aula e no livro didático. Evidenciamos também o prestígio da norma padrão adotada pelos livros didáticos e pela escola, e a imposição de um modelo ideal de língua, relegando ao segundo plano as variedades linguísticas ainda muito estigmatizadas. Por último, percebemos que a noção do “erro” persiste e se fixa de forma equivocada, prevalecendo o preconceito linguístico em relação aos usos diferenciados da língua.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação linguística. Ensino. Língua. Linguagem. Norma padrão. Preconceito linguístico.

## ABSTRACT

Supported by a conception of the heterogeneity of language endorsed by Sociolinguistic studies, and in searching of an effective work with the linguistic variation in the classroom, this work aims to analyze the process of teaching and learning of that phenomenon in high school at the Rural School Bento Tenório de Sousa, located in Monteiro – Paraíba. In this regard, we seek to understand how the work with linguistic variation is developed in three classes of high school, investigating aspects addressed by the textbook, in addition to observing orality elements of the students in interaction with the teacher. This work has arisen from my experiences as a scholarship student, in that school, but also through experiences in classes of languages and codes area of knowledge in the Degree in Rural Education. The research had a quantitative-qualitative approach through which the data were tabulated, explored and quantified in order to proceed to the description of the results. Data collection was carried out through field research, in which it was observed Portuguese language classes at the three series of high school in order to investigate how linguistic variation has been addressed, but also to seek the teacher methodology at addressing that issue. It was also analyzed the textbooks of Portuguese language classes of the referred groups and a questionnaire was answered by students. For the development of this work and scientific support on the phenomenon of linguistic variation we rely on theorists as Chomsky (1980), Saussure (2006), Bagno (2002, 2004, 2007, 2011), Martellota (2011), Cagliari (2009), among others. After that entire theoretical path, through field research and data analysis, it was found that there is still a distortion on basic concepts such as language in general and a specific language, as well as gaps in the working with linguistic variation in the classroom and textbook. It was also evidenced the prestige of the standard variety of language adopted by textbooks and school, and the imposition of an ideal model of language, relegating to a secondary place the linguistic varieties which are still very stigmatized. Finally, it was noticed that the notion of “error” is persists and it is fixed wrongly prevailing linguistic discrimination in relation to the different uses of language.

**KEYWORDS:** Linguistic variation. Teaching. Language. Standard variety. Linguistic discrimination.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CDSA – Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

GU – Gramática Universal

LD – Livro Didático

LECAMPO – Licenciatura em Educação do Campo

LP – Língua Portuguesa

PB - Paraíba

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PIBID – Programa Institucional de Iniciação à Docência

NP – Norma Padrão

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFMG – Universidade Federal de Campina Grande

## LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 - Composição por gênero dos alunos pesquisados .....	53
Gráfico 2 – Localidade em que os alunos pesquisados residem .....	53
Gráfico 3 – Localidade / Região dos alunos.....	54
Gráfico 4 – Faixa etária dos alunos do 1º Ano .....	55
Gráfico 5 – Faixa etária dos alunos do 2º Ano .....	55
Gráfico 6 – Faixa etária dos alunos do 3º Ano .....	56
Gráfico 7 – Participantes do questionário.....	63
Gráfico 8 - Respostas dos alunos à questão 4.....	66
Gráfico 9 – Respostas dos alunos à questão 7 .....	68
Tabela 1– Principais respostas dos alunos à questão 1.....	63
Tabela 2 – Principais respostas dos alunos à questão 2.....	64
Tabela 3 – Principais respostas dos alunos à questão 3.....	65
Tabela 4- Principais respostas dos alunos à questão 5 .....	67
Tabela 5 - Principais respostas dos alunos à questão 6 .....	68

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2 CONCEPÇÕES SOBRE LÍNGUA E LINGUAGEM</b> .....	20
2.1 DEFINIÇÕES DE LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA: ASPECTOS GERAIS.....	20
2.2 AS DEFINIÇÕES DE LÍNGUA E LINGUAGEM EM SAUSSURE .....	25
2.3 A VISÃO SOBRE A LÍNGUA E A LINGUAGEM EM CHOMSKY .....	27
<b>3 VARIAÇÃO, ENSINO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO</b> .....	31
3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	31
3.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E FATORES CONDICIONANTES .....	33
3.3 VARIAÇÃO, NORMA PADRÃO E NORMA COLOQUIAL .....	36
3.4 A NOÇÃO DE “ERRO” E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO .....	42
3.5 LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA .....	46
<b>4 O TRABALHO COM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA DO CAMPO BENTO TENÓRIO DE SOUSA: INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE</b> .....	51
4.1 UNIVERSO DA PESQUISA: PRIMEIRAS PALAVRAS.....	51
4.1.1 Sujeitos da pesquisa.....	52
4.1.2 Observações em sala de aula.....	57
4.1.3 O livro didático e o trabalho com a variação linguística .....	59
4.1.4 Análise do questionário .....	62
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	71
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	74
<b>APÊNDICE</b> .....	76
<b>APÊNDICE A – Termo de consentimento</b> .....	77
<b>APÊNDICE B – Observações das aulas</b> .....	79
<b>APÊNDICE C – Questionário</b> .....	81
<b>ANEXO</b> .....	83
<b>ANEXO A – Questionário respondido pelo aluno 1</b> .....	84
<b>ANEXO B – Questionário respondido pelo aluno 2</b> .....	86
<b>ANEXO C – Questionário respondido pelo aluno 3</b> .....	88
<b>ANEXO D – Questionário respondido pelo aluno 4</b> .....	90
<b>ANEXO E – Questionário respondido pelo aluno 5</b> .....	92
<b>ANEXO F – Questionário respondido pelo aluno 6</b> .....	94
<b>ANEXO G – Questionário respondido pelo aluno 7</b> .....	96



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca investigar o tratamento atribuído à variação linguística no âmbito do processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa (LP) a partir de levantamento de dados que nos permitiu registrar as experiências, nos três anos do Ensino Médio, na Escola do Campo Bento Tenório de Sousa, situada em Monteiro-PB. A abordagem deste tema ainda é problemática, principalmente nos livros didáticos, por apresentarem falta de argumentos teóricos mais sólidos e reflexões acerca do assunto, ou atividades que reforçam a existência de uma única forma de uso da língua aceitável e desejável, levando ao desconhecimento das variedades linguísticas e, muitas vezes, reforçando o preconceito linguístico.

Sabemos ainda que existe uma distorção nos estudos sobre esse fenômeno, respaldados, na maioria das vezes, apenas na oposição norma padrão e não padrão, ou seja, o que foge à norma padrão, prescrita pela gramática normativa da LP, e o que não foge a esse padrão, considerando-se, no primeiro paradigma, como a língua “correta”, e, no segundo, o não padrão, como o lugar do “erro”. Nesta direção, desconsideram-se o fenômeno da variação linguística e as diferentes formas de uso da língua em detrimento de um contexto, ou de uma situação de comunicação. Dessa forma, pretendemos fazer uma discussão acerca desse assunto que envolve fatores sociais, culturais, geográficos, pragmáticos, além de recair em um terreno movediço que desemboca na discriminação e exclusão social gerada pelo preconceito linguístico, já que há formas de uso da língua consideradas prestigiadas, enquanto outras são tidas como estigmatizadas. Assim é que: “uma língua ou variedade de língua vale o que valem seus falantes” (Gnerre, 1985, p. 4 *Apud* BAGNO et. al., 2002, p.74).

É possível perceber que, no próprio escolar, o preconceito linguístico é disseminado, seja por meio do material didático utilizado, ou por posturas adotadas pelo (a) professor (a) em sala de aula. O fato é que, muitas vezes, propaga-se uma única forma de se falar como sendo a mais “correta”, mais aceitável, do ponto de vista gramatical, e isso acaba reforçando cada vez mais o preconceito. As palavras de Bagno (2007) mostram a tentativa por parte de autores de empreenderem um trabalho que combata o preconceito e valorize as variedades linguísticas, entretanto, por falta de embasamento teórico, acabam cometendo equívocos. Veja-se:

A gente percebe, em muitas obras, uma vontade sincera dos autores de combater o preconceito linguístico e de valorizar a multiplicidade linguística do português brasileiro. Mas a falta de uma base teórica consistente e,



sobretudo, a confusão no emprego dos termos e dos conceitos prejudicam muito o trabalho que se faz nessas obras em torno dos fenômenos de variação e mudança. (p. 119)

Este trabalho parte do seguinte problema de pesquisa: Como se dá o processo de ensino-aprendizagem da variação linguística no Ensino Médio da Escola do Campo Bento Tenório de Sousa, localizada em Monteiro - PB?

Os principais objetivos que pretendemos alcançar são: analisar o processo de ensino-aprendizagem da variação linguística no Ensino Médio da Escola do Campo Bento Tenório de Sousa; conhecer a metodologia da Professora de Língua Portuguesa no trabalho com a variação linguística; verificar a abordagem dos temas variação linguística e preconceito linguístico nos livros de Língua Portuguesa do Ensino Médio, e investigar como a variação linguística é trabalhada nas aulas de Língua Portuguesa, nas turmas do Ensino Médio da referida escola.

A ideia deste trabalho surgiu a partir das experiências em sala de aula, na área de conhecimento Linguagens e Códigos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, e também por meio de vivências como bolsista do PIBID Diversidade, que é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, em parceria com a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CDSA) e a Escola Bento Tenório de Sousa, situada no assentamento Santa Catarina.

A relevância deste trabalho pode ser atestada a partir da compreensão de que se faz necessária a conscientização por parte dos alunos de que a língua varia e muda em detrimento das necessidades do usuário, e em função do contexto de comunicação, ou seja, a língua é heterogênea e múltipla da mesma forma que a interação humana. Há, portanto, uma multiplicidade de formas linguísticas à disposição dos usuários, e não apenas uma única forma de uso da língua. O nosso estudo justifica-se também pelo fato de que precisamos combater quaisquer formas de preconceitos, e, dentre estes, o linguístico. É papel da escola ensinar a norma padrão, mostrando também as variedades linguísticas, é dever do (a) professor (a) explicar que todas as variedades são formas legítimas e eficazes de comunicação, combatendo o preconceito linguístico. A inconsistência teórica dos livros didáticos acerca do assunto, o tratamento superficial atribuído à temática, resultando em equívocos que podem vir a prejudicar o ensino de língua, também contribuem para reforçar a importância desse trabalho, no intuito de tentarmos provocar inquietações a respeito dessas questões, apresentando-se, na medida do possível, soluções.

Com isso pretendemos investigar como se dá o trabalho com a variação linguística em sala de aula, observando a metodologia da professora, as estratégias de ensino e como a questão do preconceito linguístico é tratada na escola e nas turmas do Ensino Médio, ou seja, se há um trabalho voltado para a conscientização e combate de qualquer forma de preconceito linguístico.

Acreditamos que esta pesquisa possa trazer uma contribuição para a escola de forma que os (as) alunos (as) entendam melhor o fenômeno da variação linguística, estendendo o assunto para além dos muros da escola, já que a língua é um fato social e o seu uso acontece nas mais variadas situações de comunicação. Esperamos também que a escola repense seu papel e inclua no seu currículo estudos voltados para a variação linguística.

Metodologicamente, este trabalho adotou como tipo de pesquisa a bibliográfica, que, segundo Gil (2012, p. 50) é: “[...] desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A pesquisa bibliográfica está fundamentada nos seguintes autores: Noam Chomsky (1980), Ferdinand Saussure (2006), Marcos Bagno (2002, 2004, 2007, 2011), Mário Eduardo Martellota (2011), Luiz Carlos Cagliari (2009). Realizamos também a pesquisa de campo que, ainda segundo Gil (2012), ocorre da seguinte forma: “Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, obter conclusões correspondentes dos dados coletados” (p. 55). O trabalho tem caráter quanti-qualitativo a fim de possibilitar a investigação, o estudo e a compreensão do fenômeno da variação linguística.

No decorrer da pesquisa realizamos um estudo de campo nas turmas do Ensino Médio da Escola do Campo Bento Tenório de Sousa, Monteiro-PB, com um universo de 68 alunos, distribuídos entre o 1º, 2º e o 3º Ano. Na ocasião, observamos as aulas de Língua Portuguesa (LP) dessas respectivas turmas para então investigarmos como se processa o trabalho com a variação linguística, no âmbito do processo de ensino-aprendizagem, e como se configura a relação professor/aluno, aluno/professor, partindo do comportamento linguístico de ambos, além de procedermos à análise dos livros didáticos utilizados nas três turmas na disciplina de LP para avaliarmos o tratamento atribuído ao tema em estudo. Como parte da estratégia para a coleta de dados foram aplicados questionários direcionados aos alunos indagando a respeito do conhecimento de aspectos que envolvem a variação linguística.

Para a efetivação de nossa proposta, o trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro abordamos os conceitos de língua e linguagem, estabelecendo um breve panorama sobre o assunto, e apresentando a visão de alguns teóricos. Destacamos em seguida as abordagens de língua e linguagem na perspectiva de Saussure e na visão de Chomsky, analisando a contribuição desses dois teóricos no tratamento desses conceitos.

No segundo capítulo, abordamos a variação linguística, apresentando a importância desse estudo para a sociedade e para a educação de modo geral. Elencamos as variantes que contribuem para a ocorrência dos usos diferenciados da língua como, por exemplo, a classe social, o grau de escolaridade, gênero, sexo, dentre outras. Destacamos também a definição de norma padrão e norma coloquial, o papel da escola no ensino da norma padrão apoiado na visão da gramática normativa, impondo o uso da variedade padrão como modelo único. Estabelecemos ainda considerações em torno do tratamento dispensado à variação linguística no livro didático, além de discutirmos a respeito da noção do “erro” e do preconceito linguístico. Por fim, tratamos da importância da língua falada e língua escrita dentro do eixo da variação linguística e das relações entre ambas.

O último capítulo contempla a parte analítica do trabalho, no qual tratamos do ensino e aprendizagem da variação linguística na Escola do Campo Bento Tenório de Sousa, caracterizando o espaço/universo da pesquisa de campo, os sujeitos que integram a pesquisa, o local/região em que residem, as turmas, a faixa etária, o percentual por gênero, a fim de entendermos as variantes encontradas que implicam em um uso diferenciado da língua. Observamos as aulas e descrevemos algumas na perspectiva de encontrarmos variedades nas falas dos alunos e da professora, avaliamos também a relação aluno/professor, professor/aluno, observando o comportamento linguístico, e analisamos os livros didáticos do Ensino Médio para entendermos como é abordado o trabalho com a variação linguística. E, para finalizar, realizamos análises a partir dos dados coletados por meio da aplicação do questionário direcionado aos alunos.

A partir dos aspectos investigados e discutidos ao longo desse trabalho é imprescindível que a escola e o educador se conscientizem de que a língua é viva, é dinâmica e evolui a todo instante, estando sujeita a mudanças e variações. Os diferentes usos linguísticos devem ser respeitados, considerando-se os mais variados fatores responsáveis por tais usos. A língua é um fenômeno plural, múltiplo, assim como seus usuários, por isso seu uso implica sempre em adequação a uma situação específica de

comunicação. Não cabe mais à escola considerar apenas a norma padrão, tendo em vista a heterogeneidade da língua e a pluralidade de situações de comunicação que demandam formas diferenciadas de uso da língua. Resta considerar que a variação linguística é um tema de fundamental importância a ser trabalhado nas escolas, a fim de levar o aluno ao conhecimento da diversidade linguística que o cerca. Pretendemos de alguma forma contribuir para um melhor entendimento sobre a temática, provocar inquietações e suscitar novas estratégias por parte das escolas e do corpo docente em relação ao trabalho com a variação linguística, e com a noção de “erro”, combatendo formas de preconceito linguístico, e evitando a imposição da norma padrão como sendo a única forma de uso da língua. É direito do aluno poder se expressar na sua variedade coloquial, e dever do professor valorizar as diferenças linguísticas apresentadas por cada usuário, como também é direito do aluno ter acesso à norma padrão, na escola, e dever do professor ensiná-la.

## 2 CONCEPÇÕES SOBRE LÍNGUA E LINGUAGEM

### 2.1 DEFINIÇÕES DE LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA: ASPECTOS GERAIS

Sabemos que os estudos sobre a linguagem é um dos mais antigos, mas só ganhou destaque, mais precisamente, a partir do século XIX, abrindo um leque de investigações de grande produtividade. A linguagem humana é um produto próprio do ser que varia de um indivíduo para outro, e é através dela que é possível adquirir e usar as diferentes línguas. A faculdade da linguagem é a capacidade que os seres humanos possuem para estabelecer comunicação entre si por meio de um sistema de signos, sendo de fundamental importância para a organização do pensamento, compreensão e caracterização do mundo que os cerca. Assim, Maia (2006, p. 23) afirma que:

É por isso que aos dois, três anos, uma criança humana é capaz de falar frases que nunca ouviu antes, fazer perguntas, pedidos, comentários originais e criativos que não são apenas a repetição de frases iguais as que ouviu em sua volta, como fazem os papagaios, por exemplo. O papagaio, ou mesmo os macacos, por mais espertos que possam ser, não têm essa faculdade em sua mente e é por essa razão que até podem aprender a reconhecer ou produzir algumas palavras isoladas, mas não são capazes de formar frases originais.

O estudo da linguagem é apontado desde a antiguidade clássica da Índia e da Grécia. Em quase todas as escolas da Grécia, em seus estudos de filosofia, a linguagem era incluída como objeto de estudo científico. Sua origem, mesmo que esteja fora do alcance de qualquer outra ciência linguística, nunca deixou de fascinar pesquisadores interessados pelos problemas da fala. E, de qualquer forma, ela tem sido o centro das atenções desde os primeiros registros históricos.

Cunha, Costa e Martellota (2011, p. 21) consideram que a Linguística adota uma postura metodológica sobre o estudo da linguagem que inclui a fala:

A língua falada, excluída durante muito tempo como objeto de pesquisa, tem características próprias que a distinguem da escrita e constitui foco de interesse de investigação. Ou seja, a Linguística, apesar de se interessar também pela escrita, apresenta interesse especial pela fala, uma vez que é nesse meio que a linguagem se manifesta de modo mais natural.

Examinando o dicionário Houaiss (2012, p. 423) encontramos a seguinte definição para o vocábulo *fala*: “S.f. 1. faculdade ou ação humana de emitir palavras. 2. Modo de exprimir-se próprio de um povo, de uma área geográfica; linguajar, linguagem, dialeto. 3 Mensagem feita em público; discurso [...].”

A partir desta definição percebemos que a fala é a forma como alguém se comunica oralmente, ou seja, a forma de expressão de um povo, localidade ou região. Ao mesmo tempo, é possível observar que, nessa definição, aparece o termo linguagem como sinônimo de fala. Podemos afirmar que a fala poderá ser afetada por costumes locais da região na qual o sujeito está inserido, podendo ainda ser distinta entre um indivíduo e outro.

O termo *linguagem* é definido no mesmo dicionário como:

S. f. 1. O conjunto das palavras e dos métodos de combiná-las usado e compreendido por uma comunidade. 2 Capacidade de expressão, esp. verbal. 3 Meio sistemático de expressão de ideias ou sentimentos com o uso de marcas, sinais ou gestos convencionados. 4 Qualquer sistema de símbolos e sinais; código [...] (HOUAISS, 2012, p. 588-589).

Percebemos, a partir das definições encontradas no dicionário, certa aproximação nos sentidos dos termos fala e linguagem, ou, até mesmo, uma mistura nos significados. Entretanto, sabemos que a linguagem é um fenômeno mais amplo abrangendo gestos, sinais, símbolos, códigos, enquanto a fala é a expressão oral individual, particular de um falante, obviamente com marcas da localidade de origem e o meio social. Por isso, não podemos falar sobre a linguagem sem fazer uma relação com a sociedade, pois esta relação é o que constitui a base do ser humano, ou seja, na história da humanidade há relatos que afirmam que os seres humanos vivem e se organizam em sociedade e que possuem um código para se comunicar entre si. Esse código é o que seria a língua de cada falante. O conceito de língua, segundo Houaiss (2012, p. 588) é o seguinte: “s. f. [...] 2 Conjunto de palavras e das regras que as combinam usado por uma comunidade linguística como principal meio de comunicação e de expressão, falado ou escrito.”

Observa-se, de certo modo, uma confusão em torno da definição dos termos língua, linguagem e fala. Muitas vezes, o conceito de um termo acaba desembocando no terreno do outro, havendo uma nítida mistura nas descrições desses fenômenos linguísticos. Com isso, grosso modo, vamos estabelecer as seguintes distinções: a linguagem pode ser considerada como a capacidade do ser humano de expressar seus sentimentos e seus desejos por meio de gestos, sinais, códigos verbais e não verbais; quando nos referimos à língua, referimo-nos a uma atividade coletiva por meio de um código formado por palavras que pertencem a um determinado grupo no qual o sujeito está inserido, como, por exemplo, a língua brasileira, a língua inglesa, italiana, dentre

outras; já a fala tem seu caráter individual, pois é a maneira própria que o ser humano tem de se manifestar em seu meio social, podendo escolher os elementos da língua que melhor lhe convém ou de acordo com a realidade sociocultural em que vive, através da oralidade.

A língua pode ainda ser caracterizada como a capacidade que os falantes têm de produzir e entender os enunciados por habilidade criadora e não como um mero produto. Ela é o eixo essencial para a comunicação entre os falantes, e para a vida em sociedade. Pode ser entendida ainda como meio de expressão individual e como uma forma de comunicação utilizada coletivamente. Não resta dúvida de que uma das funções principais da língua é a comunicação.

Podemos considerar que, no mundo biológico, apenas o ser humano é capaz de criar sua própria história, obtendo uma evolução cultural e uma diversidade complexa e rica, distinguindo-se dos demais animais pela faculdade da linguagem. Assim, convém ressaltar que o meio social e o convívio com outros indivíduos são fatores determinantes para a aquisição da linguagem, embora o ser humano já nasça com esta capacidade. Desse modo, caso a criança seja privada do convívio social e não tenha nenhum contato verbal com algum ser humano, provavelmente, ela não desenvolverá a faculdade de linguagem.

Como afirma Maia (2006, p. 30)

Assim, embora os dados que recebemos do ambiente sejam pobres, isto é, assistemáticos e fragmentados, conseguimos adquirir uma língua porque nascemos com princípios gerais que nos ajudam a organizar os estímulos verbais deficientes em estruturas complexas.

A linguagem verbal oral está presente em quase todas as ações do nosso cotidiano. Desde muito cedo a utilizamos com bastante desenvoltura, basta observarmos as crianças ao nosso redor para percebermos este fenômeno. Fazemos isso de forma quase automática. Mas, dificilmente paramos para refletir sobre sua natureza e seu funcionamento.

A linguagem verbal, realizada nas modalidades escrita e oral, é a forma de estabelecer a comunicação por meio das palavras, facilitando a interação entre os interlocutores. Para tanto, se faz necessária a existência de um código comum entre as pessoas que formam um determinado núcleo social. Vamos, neste intervalo, tentar

entender um pouco o que é a linguagem humana e como a adquirimos. Para estabelecer um elo entre a faculdade da linguagem e a comunidade, Chomsky (1980, p. 47), aborda o seguinte em sua teoria: “A linguagem é o sistema comunicativo por excelência, e é estranho e excêntrico insistir no estudo da estrutura da linguagem separando-a de sua função comunicativa”.

A questão central é que sem uma língua não poderíamos formular o nosso pensamento. Convém não confundirmos os termos língua e linguagem, muitas vezes tidos como sinônimos, de modo equivocado. Assim, a linguagem pode ser considerada como a capacidade estritamente humana de manifestar algo como, por exemplo, a manifestação de desejo e opinião, a troca de informações entre diferentes culturas, dentre outros procedimentos. Essa fantástica capacidade que uma pessoa tem permite gerar imagens na mente, manipular ideias, mudar atitudes, criar conflitos etc, isso tudo através do uso das palavras. Podemos afirmar que por meio da linguagem é possível distinguir o homem dos diferentes animais, ela é tida como um termo mais genérico, pois tanto pode se referir a diversas formas de comunicação como gestos, sinais, símbolos, imagens etc, quanto à sequência de sons. A linguagem pode ser de natureza verbal e não verbal. A linguagem não verbal é vinculada aos símbolos, de maneira geral, gestos, às expressões faciais, aos desenhos, às pinturas, danças, entre outros elementos. E a linguagem verbal se manifesta por meio da escrita ou da fala, sendo tanto a linguagem verbal como a não verbal veículos para a interação entre os seres humanos.

A língua, por sua vez, segundo Perini (2010, p. 01), pode ser definida como:

Um sistema programado em nosso cérebro que, essencialmente, estabelece uma relação entre os esquemas mentais que formam nossa compreensão do mundo e um código que os representa de maneira perceptível aos sentidos. Os seres humanos utilizam um grande número de tais sistemas (“línguas”), que diferem em muitos aspectos e também se assemelham em muitos outros aspectos. Tanto as diferenças quanto as semelhanças são altamente interessantes para o linguista.

A língua pode então ser considerada como um meio de comunicação entre os falantes. É importante destacar que a sociedade acompanha a evolução cultural, as mudanças, de um modo geral, ocorridas ao longo do tempo. O mesmo ocorre com a língua que acaba sofrendo alterações decorrentes de mudanças de caráter social e político. Podemos perceber isso com muita facilidade, principalmente na fala, um exemplo muito conhecido é o do sutiã, que, em outras épocas, já foi chamado de *califon*



e *corpete*. A afirmação de Cunha, Costa e Martelotta (2011, p. 19) corroboram com o fenômeno da variação e mudança a que as línguas estão sujeitas:

Desse modo, podemos dizer que as línguas variam e mudam ao sabor dos fenômenos de natureza sociocultural que caracterizam a vida na sociedade. Variam pela vontade que os indivíduos ou os grupos têm de se identificar por meio da linguagem e mudam em função da necessidade de se buscar novas expressões para designar novos objetos, novos conceitos ou novas formas de relação social.

Muitos teóricos, desde tempos remotos, vêm tentando diferenciar e conceituar os termos língua e linguagem, um deles que merece ser destacado é Ferdinand Saussure, que, ao propor definir o objeto de estudo da Linguística, a princípio, afirma que a língua não se confunde com a linguagem, mas é uma parte essencial dela. Para o autor, a linguagem seria a forma de comunicação do homem e seus semelhantes através de signos verbais (SAUSSURE, 2006).

Saussure, em seus estudos, observou ainda que a linguagem tem um lado individual e outro social, e que está sujeita a evolução. A parte social da linguagem, para Saussure, é a que vem a ser a língua, ou seja, que adquirimos a partir do contato e relação com os indivíduos da sociedade a qual pertencemos. A língua tem caráter autônomo, é formada por um conjunto de convenções estabelecido para o exercício do uso da linguagem pelos membros de uma comunidade. E a parte individual é a que diz respeito à fala, já que a fala é própria de cada indivíduo, e que se desenvolve a partir do meio em que o sujeito está inserido, sendo assim impossível conceber a língua dissociada da fala.

Quando nos referimos à língua, abordamos uma atividade coletiva realizada por meio de um código formado por palavras regidas por leis combinatórias às quais pertencem a um grupo específico. Como o caso da língua brasileira, a língua inglesa, francesa, italiana, e muitas outras. Como afirma Maia (2006, p. 55):

Uma língua é, portanto, uma forma de estabelecer correlações entre um plano de expressão e um plano de conteúdo, associando sinais materiais a significados mentais. Ela contribui para a organização do pensamento, fornece a ele uma direção, dá-lhe uma forma.

A língua, portanto, pode ser considerada como um sistema de signos regido por certo número de regras e convenções, funcionando como veículo para estabelecer a comunicação entre quem emite e quem recebe, sendo definida, ainda, como um sistema de signos que exprimem ideias. Devido ao seu caráter social não permite mudanças

arbitrárias, ou seja, não possui nem expressa uma relação lógica entre a forma e o significado. Bagno, Stubbs e Gagné (2002, p. 24-25) afirmam que: “A língua constrói-se com símbolos convencionais motivados, não aleatórios, mas arbitrários. A língua não é um fenômeno natural nem pode ser reduzida à realidade neurofisiológica”. É o caráter social da língua que permite que os falantes interajam entre si e se integrem numa situação de fala, podendo ser uma conversa espontânea, conversa formal, uma fala pública etc, no entorno social, ou seja, os usuários da língua falam ou escrevem a pessoas com mesmo nível sociolinguístico ou diferente dos seus e realizam os atos da fala, expõem, perguntam ou, até mesmo, ordenam sobre determinados assuntos, ou ainda fazem insinuações etc.

Mesmo sendo dois elementos diferenciados conceitualmente, há também uma relação entre linguagem e língua. É que a língua é uma das maneiras como se manifesta exteriormente a capacidade humana que chamamos de linguagem. Já o termo linguagem pode ser aplicado a outros tipos de sistemas de comunicação, que não são chamados necessariamente de língua, sendo a linguagem um conceito bem mais amplo do que a língua propriamente dita.

## 2.2 AS DEFINIÇÕES DE LÍNGUA E LINGUAGEM EM SAUSSURE

A ideia do linguista Ferdinand Saussure, em meados de 1916, começa a ser considerada como um marco em relação aos estudos sobre a linguagem, tendo em vista que o “mestre genebrino”, como ficou conhecido entre os estudiosos do meio, concebia a língua como um sistema bem organizado, contribuindo assim, para o desenvolvimento da análise linguística (Saussure, 2006).

Este teórico é considerado precursor do Estruturalismo, uma vez que enfatizou a ideia de que a língua é um sistema formado por um conjunto de unidades obedecendo a princípios de funcionamento. Cabendo, então, ao linguista observar como o sistema se estrutura. Essa corrente ficou conhecida como “Estruturalismo”, devido a uma nova visão dos métodos de analisar as línguas. O que se sustenta no funcionamento das unidades que compõem o sistema linguístico são as normas que absorvemos desde cedo e que se manifestam no período da aquisição da linguagem (MARTELLOTA *et al*, 2011). Essa abordagem enfatiza a língua como “forma (estrutura)”, e não como uma “substância (a matéria na qual ela se manifesta)”, (COSTA, 2011, p. 115).

Para Saussure, o estudo da linguagem se divide em duas partes: uma que é a língua e a outra que é a fala. A primeira seria social em sua essência e a outra se apresenta como parte individual da linguagem. O autor afirma ainda que a língua é natural ao homem, mesmo sendo uma convenção. Saussure considera que a língua é um sistema de signos linguísticos, que de essencial só existe a união entre o sentido e a imagem acústica. Saussure (2006, p. 17) define a língua como:

Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade dos indivíduos. [...], ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.

É possível então entender por que Saussure afirma que o homem individualmente não pode criar ou modificá-la, pois a língua, para o autor, é um fato social, sendo a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo. Ele a compreende como um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, e, como para Saussure a língua é tratada como um *tesouro*, este *tesouro*, depositado no cérebro de dado número de pessoas que fazem parte de uma mesma comunidade linguística, deve ser considerado como parte essencial da linguagem.

Nesta direção, o foco do estruturalismo é a língua e não a fala, esta segunda é tomada como um objeto secundário. Sendo a língua um conhecimento comum a todos, encontrando sua essência na atividade comunicativa, e não o que é específico de cada um. Mas isso não significa que é possível estudar a língua dissociada da fala, pois existe uma intrínseca ligação entre ambas, já que a língua é necessária para que a fala seja entendida pelo falante e possa atingir a comunicação entre interlocutor e o receptor.

Não resta dúvida de que Saussure concedeu à Linguística o estatuto de ciência, e, a partir de seus estudos, surgiram muitos outros na área, com diferentes abordagens e conceitos. Um desses autores é Chomsky, embora seguindo a mesma linha de pensamento de Saussure, este teórico apresentou uma nova teoria chamada de Gramática Gerativa, que, grosso modo, analisava as várias possibilidades por meio das quais os sujeitos formulam suas sentenças. A seguir, apresentaremos a discussão a respeito dessa abordagem, situando os conceitos de língua e linguagem.

### 2.3 A VISÃO SOBRE A LÍNGUA E A LINGUAGEM EM CHOMSKY

A linguística gerativista teve início nos Estados Unidos, no final da década de 1950, e tinha como objetivo o estudo da faculdade da linguagem. Desde então, vem se modificando e reformulando, e os pesquisadores dessa área se mostraram preocupados em elaborar um modelo teórico, a fim de explicar e descrever o funcionamento da linguagem humana. Essas pesquisas foram desenvolvidas a partir dos estudos de Noam Chomsky (MARTELOTA *et al*, 2011).

Para Chomsky o ser humano predispõe de uma genética que permite o uso da língua, ou seja, ele afirma que a língua é própria do sujeito. Para o autor, se todos os seres humanos estão aptos a adquirir uma língua, então suas experiências de vida seriam uma espécie de entrada no sistema permitindo a assimilação das palavras e seus significados, e também da língua propriamente dita (LYONS, 1970). Ainda segundo Chomsky, a língua é considerada como uma atividade mental, ou seja, esse estudo implica em descrever como se dá a produção da língua através da mente humana. Para este teórico a linguagem humana está em constante expansão, ou seja, os seres humanos cada vez mais estão construindo e formando novas ideias e frases novas. Portanto, Chomsky considera que a *criatividade* é o principal aspecto que caracteriza o comportamento linguístico do ser humano, se distinguindo por sua vez dos outros animais, que não possuem esta capacidade.

Conforme Noam Chomsky (1980), *Apud* Kenedy (2008, p. 130):

Uma das razões para estudar a linguagem (exatamente a razão gerativista) – e para mim, pessoalmente, a mais premente delas – é a possibilidade instigante de ver a linguagem como um “espelho do espírito”, como diz a expressão tradicional. Com isto não quero apenas dizer que os conceitos expressados e as distinções desenvolvidas no uso normal da linguagem nos revelam os modelos do pensamento e o universo do “senso comum” construídos pela mente humana. Mais instigante ainda, pelo menos para mim, é a possibilidade de descobrir, através do estudo da linguagem, princípios abstratos que governam sua estrutura e uso, princípios que são universais por necessidade biológica e não por simples acidente histórico, que decorrem de características mentais da espécie humana.

Convém ressaltar que seus estudos são voltados diretamente para o uso da linguagem. Ele afirma que a capacidade de o ser humano falar é formada geneticamente e faz parte do código genético do ser humano. Chomsky acredita que o conhecimento da língua deriva da gramática universal (GU), que tem base biológica, sendo considerados como inatos os mecanismos mentais envolvidos na aquisição da linguagem de uma

criança, ou seja, a linguagem está presente na faculdade mental desde o nascimento (MARTELOTTA, 2011, p. 58).

Segundo Kenedy (2011, p. 135):

[...] a faculdade da linguagem é o dispositivo inato, presente em todos os seres humanos como herança biológica, que nos fornece um algoritmo, isto é, um sistema gerativo, um conjunto de instruções passo a passo –como as inscritas num programa de computador- o qual nos torna aptos para desenvolver (ou adquirir) a gramática de uma língua.

Para Chomsky, a aprendizagem da língua se dá semelhante ao desenvolvimento do corpo humano e acontece de forma natural, ou seja, é o meio que estimula essa faculdade inata da linguagem na criança, e que é comum em todos os seres humanos. Assim, a capacidade que o ser humano tem de falar e entender uma língua são provenientes do comportamento linguístico dos indivíduos e deve ser compreendida como resultante de um comportamento inato, ou seja, uma capacidade genética, e por isso é inerente ao ser humano, e não é algo do mundo exterior.

Os estudos de Chomsky são de caráter gerativista, no qual a língua é tida como um conjunto de sentenças, sendo que cada uma delas é formada por uma cadeia de elementos, elementos esses que são chamados de palavras e morfemas. O autor considera então que se o ser humano é capaz de dominar um conjunto finito de regras, ele será capaz de produzir um número finito de sentenças. Para ele, a língua é entendida como a junção de uma série de estímulos condicionantes (KENEDY, 2011, p. 129-130).

Para o gerativismo, a língua deixa de ser algo concebido socialmente e condicionado, passando a ser analisada como uma faculdade mental natural do ser humano, ou seja, a morada da linguagem passa ser a mente (MARTELOTTA *et al*, 2011). Seguindo esta perspectiva, a língua é tida como algo próprio do ser humano, ou seja, natural, uma vez que o indivíduo já nasce com a capacidade para o seu desenvolvimento sem que seja necessário o contato com o meio social.

Chomsky afirma que existe uma gramática universal (GU) e que esta é uma matriz biológica que é responsável pela semelhança entre as línguas, e pela rapidez com que as crianças aprendem a falar. Podemos assim afirmar que a experiência estimula o funcionamento da linguagem humana que já é prevista na estrutura biológica do ser humano (KENEDY, 2011, p. 135).

Esses estudos são gerativistas porque propõem o uso da Gramática Gerativista, que está relacionada com a possibilidade que cada língua tem em gerar expressões. Chomsky estava preocupado em descrever o que as línguas têm em comum. Para o autor, o fio condutor do gerativismo estaria ligado à distinção entre competência e desempenho. A competência é considerada o conjunto de normas internalizadas, ou regras, permitindo a emissão, recebimento ou até mesmo o julgamento de enunciados de nossa língua. Ela é a capacidade inata que o sujeito possui para formular e compreender frases em uma língua (MAIA, 2006, p. 31).

Podemos dizer, grosso modo, que a competência, em parte, é inata, porque, para Chomsky, a linguagem já é própria do ser humano, e, em parte, é adquirida, porque ela vai ser desenvolvida a partir do contato com o meio.

Na visão de Chomsky, o desempenho seria o uso que fazemos da língua, essa complexidade de fatores linguísticos e extralinguísticos, ou seja, é aquilo que realizamos quando falamos, ou quando escrevemos, ou quando ouvimos, ou lemos. O desempenho seria, portanto, a utilização concreta dessa capacidade de compreender e formular as frases da língua (LYONS, 1970).

Mesmo se assemelhando os conceitos de Saussure e Chomsky sobre a língua, é possível perceber uma diferença entre ambos, uma vez que, para Saussure, a língua, grosso modo, é um sistema de signos linguísticos e, para Chomsky, é um conjunto de sentenças.

Para Chomsky, o pensamento humano apresenta uma organização interna e universal, tendo não muito a ver com questões de caráter sociocultural. Para ele, o ser humano é dotado de uma criatividade, sendo capaz de criar novos enunciados que jamais foram falados antes, e isso é próprio do indivíduo. Além disso, não é necessário que tenhamos o contato com o mundo exterior para que seja possível a aquisição da linguagem como afirma Kenedy (2011, p. 129):

Para Chomsky, a capacidade humana de falar e entender uma língua (pelo menos), isto é, o comportamento linguístico dos indivíduos, deve ser compreendida como o resultado de um dispositivo inato, uma capacidade genética e, portanto, interna ao organismo humano (e não completamente determinada pelo mundo exterior, como diziam os behavioristas), a qual deve estar radicada na biologia do cérebro/mente da espécie e é destinada a constituir a competência linguística de um falante.

Já para Saussure, no que diz respeito à aquisição da linguagem, esta se dá a partir do meio social, ou seja, a partir da interação com o meio ao qual pertencemos. A

língua é tida como um sistema de signos e é considerada a parte social da linguagem, que se diferencia da fala, parte individual. Então, podemos distinguir as teorias de Saussure e Chomsky, grosso modo, considerando que, para o primeiro, a língua é vista como uma estrutura, ou seja, como um sistema de signos linguísticos, e, para o segundo, a língua é tida como um conjunto de regras, presentes na mente/cérebro dos falantes, permitindo criar e compreender um número infinito de sentenças em nossa língua.

No capítulo a seguir vamos estabelecer considerações sobre o fenômeno da variação linguística e os fatores condicionantes, como a região do usuário da língua, o gênero, o grau de escolaridade, a classe social etc. Apresentaremos também características da norma padrão e da norma coloquial da língua, e discutiremos a respeito do ensino, do “erro” e do preconceito linguístico, além de destacarmos aspectos ligados à fala e à escrita.

### 3 VARIAÇÃO, ENSINO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

#### 3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Estamos inseridos em uma sociedade que se transforma com o passar dos tempos e também acaba mudando o modo como os sujeitos mantêm suas relações interpessoais. Partindo desta ideia apresentamos um estudo e análise sobre a Variação Linguística, cujo tratamento envolve diferentes fatores ligados aos usuários da língua como, por exemplo, as condições sociais, faixa etária, gênero, diferenças regionais, dentre outros. Podemos considerar ainda que a variação linguística é determinada por questões ligadas também à situação de comunicação, uma vez que percebemos a grande variabilidade da língua em diferentes contextos de uso sejam mais formais ou informais, em ocorrências orais ou escritas.

Apesar de, nos últimos anos, os estudos sobre o ensino de Língua Portuguesa (LP) e as discussões no campo da Sociolinguística terem avançado gradativamente, ainda há muito a ser explorado e discutido no universo dessas pesquisas. Diante disto, nosso estudo se volta para o campo da variação linguística considerando que a língua varia e muda em decorrência das transformações sociais, políticas, econômicas, históricas etc., pelas quais a sociedade passa. É perceptível que essas variações não são apenas próprias do sujeito, ou seja, não é algo que o ser humano escolhe por opção, sendo advindas do meio social no qual o sujeito está inserido e que condiciona tal variação. Assim, podemos salientar que a variação é provocada por elementos que não dependem apenas do ser humano, isto é, àqueles ligados a fatores como o nível de escolaridade, a classe socioeconômica, a região, e o sexo do indivíduo, mas também por aspectos que dizem respeito à situação de comunicação, ao contexto de uso da língua, ao grau de familiaridade que se tem com o interlocutor, dentre outros.

Os estudos sociolinguísticos trouxeram para a educação muitas reflexões coerentes sobre a língua materna, sobre letramento e sobre alfabetização, trazendo também grandes contribuições para essas temáticas no ensino. No Brasil, convivemos com variedades linguísticas, cabendo à Sociolinguística estudar a importância social e as mudanças da língua. A Sociolinguística, segundo Mollica e Braga (2010, p. 10):

(...) deve compreender como se caracteriza uma determinada variação de acordo com as propriedades da língua, verificar seu *status* social positivo ou negativo, entender o grau de comprometimento do fenômeno variável no sistema e determinar se as variantes em competição acham-se em processo de mudança, seja no sentido de avanço, seja no de recuo da inovação.



É importante destacar que a Sociolinguística analisa a variação existente na fala e descobre quais fatores são condicionantes para tal variação, sistematizando e constatando a variação em curso. Um teórico que aborda estas questões é William Labov, cujos estudos são voltados para a relação entre língua e sociedade com a intenção de sistematizar as variações existentes na língua falada por meio de pesquisas que considerem fatores extralinguísticos, como classe social, gênero, idade, escolaridade, dentre outros que possam mostrar a interdependência entre elemento linguístico do falante e o meio social em que vive. Esse autor propõe uma Sociolinguística com a perspectiva de estudar a estrutura e evolução da língua no contexto social da comunidade, cobrindo a área usualmente chamada de Linguística Geral, a qual lida com Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica (LABOV, [1972] 2008, p. 184).

Entretanto, a teoria de Labov se contradiz com a de outros teóricos como Saussure, uma vez que Saussure caracteriza “a linguagem em oposição à língua”, caracteriza “a língua em oposição à fala, à escrita e outros códigos da linguagem” (RODRIGUES, 2008, p. 8). Assim, Saussure isola a língua e suas variantes dos demais fatos da linguagem, ou seja, seu estudo é apenas homogêneo, algo isolado, separado dos demais fenômenos linguísticos como, por exemplo, a fala. Já Labov afirma que a língua não é propriedade do indivíduo, mas da comunidade, ou seja, é social, sofrendo interferências internas e externas ao sujeito (MARTELLOTA, *et al*, 2011).

Para a Sociolinguística, a língua falada em qualquer contexto sociocultural é dotada de variações. Sendo assim, seu principal objetivo é analisar e sistematizar estas variantes dentro das reais circunstâncias em que a língua está presente.

O modelo de análise aqui descrito é o da teoria da variação. Segundo Bagno (2007, p. 168):

[...] as mudanças que ocorrem na língua são fruto da ação coletiva de seus falantes, uma ação impulsionada pelas necessidades que esses falantes sentem de se comunicar melhor, de dar mais precisão ou expressividade ao que querem dizer, de enriquecer as palavras já existentes com novos sentidos [...] de criar novas palavras para dar uma ideia mais precisa de seus desejos de interação, de modificar as regras gramaticais da língua para que novos modos de pensar e de sentir, novos modos de interpretar a realidade sejam expressos por novos modos de dizer.

A partir desta abordagem que o autor propõe, é observável também no nosso dia a dia que as formas linguísticas em variação, também chamadas de variantes, são decorrentes do contexto em que o sujeito está inserido, ou seja, existem diversas

maneiras de se falar a mesma coisa, tendo o mesmo valor de veracidade como, por exemplo, o legume que, no Nordeste, se chama *jerimum*, no sul, é chamado de *abóbora*, tem também a *macaxeira*, que, em alguns lugares, é chamada de *mandioca* ou *aipim*, isto é, há uma infinidade de denominações diferenciadas para um mesmo objeto, alimento, brincadeira etc., e essa possibilidade de variação não impede o processo de comunicação entre os usuários de uma mesma língua. Assim é que as palavras *chupeta*, *bubu*, *bibi*, *bico* e *consolo* estão inseridas em um contexto regional específico e serão compreendidas pelos falantes de Língua Portuguesa, o mesmo se aplica às palavras *picolé*, *sacolé*, *geladinho*, *dundun*, *dindin* e às palavras *moleque*, *guri*, *menino*, *pirralho*.

Então, para que o linguista se inteire do assunto é preciso que esteja participando diretamente do contexto dos membros da comunidade em que ele está inserido em sua pesquisa, conhecendo e analisando este ambiente, para, assim, levantar dados que comprovem que determinadas situações são as causadoras das variantes existentes. Para que isso ocorra, é necessário que o linguista pesquise diferentes grupos socioeconômicos e de diferentes gêneros a fim de obter dados comprobatórios para as suas pesquisas, dados que podem ser quantitativos ou qualitativos.

### 3.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E FATORES CONDICIONANTES

As variações da língua podem ser relacionadas a diversos fatores como a faixa etária, gênero, status socioeconômico, grau de escolaridade, mercado de trabalho, rede social. Portanto, podemos afirmar que a variação linguística é resultado das interações sociais entre os indivíduos usuários de uma língua. Esses fatores, para Bagno (2004), podem ser denominados de “variação social” que, para ele: “[...] refere à diferença nas frequências observadas na fala dos diversos segmentos sociais (classe alta, classe média, classe operária, classe baixa etc.).” (p. 67).

Esses tipos de variações podem ser percebidos entre os falantes de espaços geográficos diferentes como também podem ser provenientes de fatores socioculturais, adentrando assim nas questões de classe social, de idade, sexo, grau de escolaridade ou no contexto em que o sujeito está inserido. Não há nenhuma dúvida de que a nossa sociedade brasileira é bastante heterogênea, está a todo tempo em mudança, e sempre atravessa um processo de construção e desconstrução da língua. Sabemos que a língua nunca está acabada, pronta, é tida como um processo em constante transformação. É

perceptível que o domínio de uma língua depende do grau de contato que o falante tem com outros falantes da comunidade. E, quanto maior for o seu contato com outro falante da comunidade, maior será a semelhança em seus atos verbais. Dessa tendência de maior semelhança entre os atos verbais dos falantes é resultante a variação geográfica e variação sociocultural.

A variedade geográfica é decorrente do espaço físico, geográfico, no qual o falante está inserido. São estas variantes de uma mesma língua que podem identificar os falantes em relação à origem, à naturalidade ou à região a que pertencem. Com isso, surgem os dialetos de uma mesma língua resultantes de fatores regionais e geográficos. É fácil notar a diferença geográfica dos falantes como, por exemplo, a pronúncia das palavras “leite quente”, na região de São Paulo, ocorrerá como se tivesse um ‘ch’, acarretando uma palatalização na consoante *t* que ficaria assim: *leitichi quentchi*, dando um som de chiado. Já, na região Nordeste, essa mesma expressão será pronunciada de forma que a posição átona final das palavras aparecerá como *i*, ficando desta forma *leiti quenti* e o *t*, geralmente, aparecerá como dental, ou seja, como o *t* inicial da palavra “teto”.

A variação sociocultural equivale ao grau de semelhança do setor socioeconômico e cultural de uma comunidade linguística, ou seja, a forma do comportamento linguístico do falante dependerá, por exemplo, da renda familiar, do grau de escolaridade, da ocupação profissional. Com isso, caso um grupo de falantes tenha em comum essas mesmas variantes, haverá uma grande probabilidade de seus atos verbais serem semelhantes entre si.

A questão que envolve a faixa etária, que também é uma variante a ser considerada no fenômeno da variação linguística, explica a variação de palavras de acordo com a idade, a geração, a época vivida, o que justifica o fato de um jovem de 20 anos não usar os mesmos termos usados por uma pessoa de 60 anos, pois a língua varia e muda no decorrer do tempo.

Quando nos referimos à questão do gênero masculino e feminino, percebemos, de certo modo, que há diferenças entre o homem e a mulher em seus modos de falar, seguindo padrões sociais ou culturalmente condicionados, em outros casos, para melhor esclarecer, os homens costumam usar, talvez, mais gírias do que as mulheres, como *pow*, *mina*, *mano*, dentre outras, já as mulheres, de certo modo, fazem uso de uma

linguagem mais “delicada”, mais “suave”. Entretanto, isso não é uma regra ou uma convenção entre os gêneros. Muitas vezes, poderá ocorrer o inverso: mulheres fazerem uso de gírias e homens usarem uma linguagem mais “suave”. É preciso ter muito cuidado nesse terreno a fim de não emitirmos afirmações preconceituosas. Com isso, o que é possível aqui é fazer conjecturas a respeito de diferenças e das relações que possam existir entre a fala feminina e a masculina às quais, na maioria das vezes, estarão ligadas a questões que pertencem mais ao universo masculino, ao contexto das amizades, e/ou às atividades, papéis sociais desempenhados por ambos os sexos. Resta destacar, mesmo com todos os meandros que envolvem o assunto, que haverá diferenças no vocabulário que serão decorrentes do gênero, estando associadas também à atividade social (emprego, cargo) desempenhada por cada um. É importante que o fator ligado ao gênero que condiciona a variação linguística não seja visto de forma isolada, como também os demais fatores até aqui citados.

O status socioeconômico também influencia nas diferenças de uso da língua, ou seja, a desigualdade de bens materiais e culturais pode influenciar na forma de uso da língua. Assim, pessoas que possuem um status socioeconômico mais baixo tendem a fazer uso de uma linguagem mais próxima da dimensão espontânea/coloquial, sem um cuidado com os aspectos gramaticais e sintáticos, muitas vezes, porque não tiveram acesso aos recursos da língua ligados à norma padrão, já que o nível socioeconômico, de certo modo, incide no grau de escolaridade do falante. Já as pessoas que pertencem a uma classe econômica mais alta tendem a fazer uso de uma linguagem mais culta, apresentando um cuidado maior em relação aos aspectos gramaticais e sintáticos da língua.

Outro fator determinante da variação linguística é o grau de escolaridade. Esse fator corresponde aos anos de escolarização dos usuários da língua. Assim, caso o usuário tenha tido acesso a um grau de escolaridade mais baixo, provavelmente, apresentará diferenças de adequação na fala e na escrita em relação a outro usuário que teve acesso a um período mais longo de escolaridade. O usuário que teve a oportunidade de concluir seus estudos, provavelmente, apresentará um grau maior de adequação na fala e na escrita, chegando ao nível mais culto quando assim se fizer necessário no âmbito da situação de comunicação.

A situação comunicativa também é tido como um elemento que interfere na variação da língua, assim, a função que o indivíduo desempenha dentro do seu trabalho implicará em uma forma diferenciada de uso da língua. Com isso, por exemplo, um juiz, em sua casa, não vai falar da mesma forma que fala no ambiente de trabalho, como também não vai falar em casa com a mesma formalidade que usa em seu cargo.

Convém ressaltar ainda que a língua pode ser considerada um instrumento de discriminação social, de exclusão e opressão. Isso ocorre devido ao fato de existir um modelo de língua considerado padrão pela classe dominante, o que acaba por desconsiderar e estigmatizar outras formas de uso da língua que se distanciam desse padrão. Devemos, pois, respeitar as variedades utilizadas nas diferentes regiões pelos grupos de falantes diversos, a fim de que não ocorra o que denominamos de preconceito linguístico. Esse problema surge a partir do fato de que muitas pessoas desconhecem o fenômeno da variação linguística e consideram como correto apenas o modelo prescrito pela gramática normativa, existindo assim uma única forma de uso da língua, ou seja, a variedade culta, padrão. Com isso, acabam disseminando o preconceito linguístico e desprestigiando as variedades encontradas nas diferentes regiões, ou utilizadas em situações de comunicação diversificadas. Geralmente, o preconceito linguístico incide nas camadas menos favorecidas da população.

### 3.3 VARIAÇÃO, NORMA PADRÃO E NORMA COLOQUIAL

Até esse momento da discussão vimos que as diferenças linguísticas são derivadas das diferenças sociais do usuário da língua, da faixa etária, do grau de escolaridade, gênero, do espaço geográfico onde o mesmo está inserido, dentre outros fatores. Além disso, é possível perceber que muitas comunidades elegem a norma padrão como um modelo ideal de língua, que é fixado como norma para os usuários dessas comunidades linguísticas. A partir desse modelo, as diferenças linguísticas ocasionadas pelo fenômeno da variação serão consideradas formas de uso da língua inferiores em relação ao padrão fixado, ou seja, em relação à norma padrão.

Para Celso Cunha e Lindley Cintra:

Este conceito linguístico de norma, que implica um maior liberalismo gramatical, é o que, em nosso entender, convém adotarmos para a

comunidade de fala portuguesa, formada hoje por sete nações soberanas, todas movidas pela legítima aspiração de enriquecer o patrimônio comum com formas e construções novas, a patentear o dinamismo do nosso idioma, o meio de comunicação e expressão, nos dias que correm, de mais de cento e cinquenta milhões de indivíduos (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 8).

Sabendo-se que a língua não é imutável, ou seja, ela se altera com o passar dos tempos, é correto afirmar que:

Enquanto tiver gente falando uma língua, ela vai sofrer variação e mudança, incessantemente. Os mesmos processos que fizeram a língua mudar no passado continuam em ação, fazendo a língua mudar neste exato momento em que você lê o que eu escrevo (BAGNO, 2007, p. 165).

Então, seguindo por esta linha de pensamento, não é somente a norma padrão a única forma correta de se falar, ou seja, a forma que a gramática normativa nos impõe. Vamos tentar entender como se dá este processo de uso da norma padrão e da norma coloquial. Primeiramente notamos que certas normas de comportamento social podem ser estabelecidas e apropriadas por determinada comunidade cultural e as mesmas podem ser aplicadas às normas de comportamento linguístico. É irrelevante o fato de uma pessoa comer ervilhas com colher ou com garfo em termos de teor alimentício dessa leguminosa, mas, os manuais de boas maneiras ensinam que o correto é comer com um garfo, mesmo parecendo menos eficiente que uma colher. O mesmo ocorre com as normas sociais de comportamento verbal. Se uma pessoa falar esta frase “*intãoce fui in casa, peguei meu laço de côro*”, é de total irrelevância em termos de sistema linguístico, vendo que este enunciado pode ser entendido por qualquer interlocutor, mas as palavras *intãoce* e *côro* são consideradas uma forma não padrão da língua por estarem em desacordo com as formas de usos linguísticos em situações formais.

Dessa forma, a sociedade estabelece uma forma culta para o uso da língua, sendo esta mais valorizada pela sociedade na qual o falante está inserido. Como afirma Travaglia (2011, p. 27): “esta norma social de uso acabou estabelecendo uma variedade como a variedade culta e padrão (norma culta, norma padrão) a ser usada preferencialmente em um grande número de situações”. No entanto, é preciso considerar a existência de outras formas de uso da língua, mesmo que se distanciem da variedade padrão.

Existe também entre as variedades linguísticas a norma coloquial que é distinta da norma padrão, podendo ser descrita através das seguintes características: é uma

variante espontânea, utilizada em relações informais, apresentando uma menor preocupação com as regras da gramática normativa, muitas vezes, permeada pelas gírias, e também por palavras abreviadas, como, *pra*, *peráí*, *a gente* no lugar de *nós*, dentre outras marcas.

A norma padrão é usada e adequada a situações formais de uso da língua, aparece em documentos oficiais, tem-se uma maior preocupação com o uso das palavras e com a forma gramatical, as gírias são evitadas e essa variedade é considerada como a forma de prestígio da língua. A norma coloquial, por sua vez, tem sua forma descontraída, sendo considerada como a língua do cotidiano, na qual não se tem a preocupação com as normas e o falante comete “erros” gramaticais com frequência, usam-se muitas expressões populares, frases feitas, gírias, dentre outras construções. Para o uso de expressões populares podemos citar o exemplo de alguns versos de Patativa do Assaré<sup>1</sup>:

*Poeta niversitario,*

*Poeta de cademia,*

*De rico vocabularo*

*Cheio de mitologia,*

*Tarvez este meu livrinho*

*Não vá recebê carinho,*

*Nem lugio e nem istima,*

*Mas garanto sê fié*

*E não istruí papé*

*Com poesia sem rima.*

Esse tipo de variedade popular é tão comum no nosso meio, é um tipo de escrita que se aproxima da fala por conter aspectos da oralidade, e é tão eficiente para a

---

<sup>1</sup> (Patativa do Assaré [Antônio Gonçalves da Silva]. Aos poetas clássicos. Disponível em: [http://www.releituras.com/patativa\\_poetclassicos.asp](http://www.releituras.com/patativa_poetclassicos.asp). Acesso em: 28 de Março de 2016.).

expressão artística quanto uma variedade culta trabalhada. E, mesmo havendo aspectos da oralidade, os versos são de fácil entendimento para quem os lê.

Muitos teóricos, na tentativa de estabelecer um padrão uniforme e homogêneo de uso da língua, querem transformar a língua em um instrumento unificador da cultura de dadas regiões, impondo a norma padrão e rejeitando as variedades linguísticas. Isso é perceptível nas gramáticas normativas na afirmação de Bagno (2004, p. 148):

A função da gramática normativa não é estabelecer ou manter a unidade nacional, mas criar um modelo de língua culta que corrobora uma idéia de cultura que sustenta e reproduz os privilégios sociais. Por isso mesmo ela só se manifesta onde tem variação, principalmente onde a variação corresponde a uma marca sociocultural, o que corresponde a uma muito pequena parcela da língua.

Segundo o autor, a gramática normativa segue um padrão de prestígio da língua, apropriando-se de um alto grau de formalidade, sendo o falante que segue todas estas normas de prestígio considerado culto, por se enquadrar perfeitamente às normas mais elaboradas da língua. Convém considerar que a gramática acaba excluindo as experiências culturais vivenciadas pelo falante de grupos marginalizados.

Notamos, em muitos casos, que a norma padrão (NP) é tida como privilegiada e exclusiva em dadas circunstâncias de interação entre os falantes. Nas escolas, por exemplo, é notório que o ensino leva em conta, como fator de privilégio, o que está posto na gramática normativa, e acaba excluindo os dialetos utilizados pelo falante e adquiridos no meio social.

O ensino tradicional de Língua Portuguesa (LP) elege como critério único no tratamento da variação a forma correta ou incorreta de uso da língua, discriminando assim as camadas marginalizadas que têm sua própria maneira de se comunicar com os demais falantes, e impondo aos mesmos que substituam a norma não padrão pela forma padrão de uso e tratamento da língua. Como afirma Cagliari (2009, p. 24):

“A escola, tradicionalmente, tem se apegado a umas tantas coisas a respeito da língua e julgado que isso é tudo. Mais especificamente, tem se apegado ao que diz nossa gramática normativa e à metodologia de exigir redações e fichas de leitura, na melhor das hipóteses”.

Muitas vezes, a imposição de um modelo único cria uma barreira no aluno que o impede de desenvolver habilidades linguísticas necessárias a um bom desempenho nas atividades de linguagem como a leitura e a escrita, além de negar suas raízes. Impor que o aluno use exclusivamente a NP é um ingrediente ineficiente para o desenvolvimento



linguístico do usuário da língua, uma vez que isso acaba gerando insegurança. Esse tipo de ensino tradicional faz com que seja negada a variação linguística, já que elege como critério exclusivo o que é considerado correto pela gramática normativa, passando uma peneira fina nas demais formas de usos da língua. Segundo Bagno (2011, p. 80):

Como a gramática, porém, passou a ser um instrumento de poder e de controle social, de exclusão cultural, surgiu essa concepção de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua “bonita”, “correta” e “pura”.

Como já sabemos que a língua é dinâmica, evolui e está sujeita a mudanças constantes, não podemos considerar somente o que dita a gramática normativa, mesmo sabendo que contém a descrição dos elementos estruturais da língua e dos recursos linguísticos que estão à disposição do usuário. Convém ressaltar ainda que a gramática não acompanha o processo evolutivo da língua de seus falantes, tampouco descreve uma forma real de uso da língua.

Convém observarmos o que Bagno (2007, p. 94) destaca sobre o “abismo” entre a NP e a variação:

[...] essa distância pode parecer um verdadeiro abismo, porque a nossa tradição gramatical se inspira em grande parte em determinados usos (literários, antigos, lisboetas) do português de Portugal e despreza ou condena as variantes mais frequentemente empregadas pelos brasileiros incluídos aí os falantes com alto grau de escolarização e membros de classes privilegiadas.

O autor descreve o distanciamento que há entre as formas reais de uso da língua e a norma padrão (NP), apoiada em uma tradição antiga da língua, na Literatura, ou no português europeu (distante da nossa realidade, cultura ou costumes). O resultado desse paradigma é que as variações existentes no nosso meio são desqualificadas uma vez que se elege a forma padrão de uso da língua como modelo único a ser seguido.

Trazendo a questão para o ensino de Língua Portuguesa (LP), nas escolas, Bortoni-Ricardo (2004, p. 37) destaca que: “Até hoje, os professores não sabem muito bem como agir diante dos chamados “erros de português”. Estamos colocando a expressão “erros de português” entres aspas porque a consideramos inadequada e preconceituosa. Cabe lembrar que comungamos com a ideia da autora acerca do uso da expressão “erro” entre aspas e a adotamos ao longo desse trabalho. Geralmente, a escola vê como “erros” as diferenças linguísticas presentes nas falas dos alunos, sendo assim, o professor desconsidera qualquer forma de uso da língua que se distancie da forma

considerada padrão. Com isso a noção de “erro” é distorcida, gerando o preconceito linguístico.

Muitas vezes, devido ao fato de o professor contar apenas com o livro didático (LD) como subsídio para suas aulas, acaba por seguir a NP altamente privilegiada pelas camadas sociais que se “dizem” mais cultas, e por achar que as variações linguísticas são tidas como “erros”. Já a escola, por tomar como padrão o uso da gramática normativa, geralmente acaba rejeitando as variáveis encontradas nessas comunidades, e os professores acabam impondo aos seus alunos a NP da língua.

Ainda de acordo com Bortoni-Ricardo (2004):

Nas últimas duas décadas, os educadores brasileiros, com destaque especial para os linguistas – seguindo uma corrente que nasce da polêmica entre a postura que considera o “erro” uma deficiência do aluno e a postura que vê os chamados “erros” como uma simples diferença entre as duas variedades –, têm feito um trabalho importante, mostrando que é pedagogicamente incorreto usar a incidência do erro do educando como uma oportunidade para humilhá-lo. Ao contrário, uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças. (p. 37-38)

Mesmo sabendo que a escola pública brasileira e o corpo docente dessas escolas estão em busca da oferta de um ensino de língua materna que considere as variedades linguísticas, e que combata qualquer forma de preconceito, em especial, o preconceito linguístico aqui abordado, ainda há muito a se resolver no que diz respeito à infraestrutura e formação de professores de LP. Esses problemas são apresentados por Bagno (2004, p. 255) quando ressalta que: “A escola do aluno urbano proveniente das camadas populares é, em graus variados, mal equipada, e, freqüentemente, deixa muito a desejar quanto à formação dos seus professores”.

Voltando à questão do ensino de língua, Bortoni-Ricardo (2004, p. 258) propõe ao professor dois componentes como estratégia para o trabalho com a variação linguística: “A *identificação* da diferença e a *conscientização* da diferença”. A autora enfatiza que o professor deve estar atento a esses fenômenos da variação contidos nas falas dos seus alunos que, muitas vezes, não são notados ou são vistos como “erros”, esse seria o momento da *identificação*. Em seguida vem o momento da *conscientização* no qual o professor deve conscientizar o aluno de que há diferenças no uso da língua, o que a autora descreve como “monitorar seu próprio estilo”, mas isso sem prejudicar a aprendizagem do aluno.

No processo da *identificação*, o professor irá perceber na fala de seus alunos as variações utilizadas, detectando as diferenças na língua. Em seguida vem o processo da *conscientização* no qual o professor mostrará ao aluno que existem diferenças na língua havendo necessidade de adequação em seu uso. Essas diferenças, obviamente, não podem ser vistas como “erros”.

É oportuno, nessa passagem, destacar as ideias de Bagno (2004, p. 261) sobre a tentativa, por parte da escola, de substituir o dialeto do aluno: “Assim, o que a escola tenta fazer quando corrige o dialeto do aluno, é ensinar-lhe o que ele já sabe, é modificar o seu vernáculo, é impingir-lhe um padrão estranho quando fala, é enfim, negar o que ele já sabe falar.” Isso acaba gerando mitos como, por exemplo, o de que há uma forma mais bonita ou correta de se falar, e de que essa forma é única, o de que em determinado lugar se fala melhor do que em outro etc., originando assim o preconceito linguístico. Daremos sequência, no próximo item, à discussão sobre este assunto.

### 3.4 A NOÇÃO DE “ERRO” E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Um ponto muito importante para muitos teóricos e estudiosos do fenômeno da variação linguística, que ainda se torna pertinente, são os métodos oferecidos para análise linguística no processo de alfabetização no que se refere aos “erros” cometidos pelos alunos, uma vez que transferem do sistema fonológico para um sistema ortográfico, ou seja, da oralidade para a escrita. Dessa forma, a análise linguística pode contribuir para a formação do profissional da educação, de modo a mostrar como diminuir a ocorrência desses “erros”. “Erros” esses que poderiam servir como uma indicação das dificuldades apresentadas pelo aluno em relação à escrita. Diante dessa constatação, o professor poderia elencar esses “erros” e trabalhar com o aluno por meio da reescrita, da consulta ao dicionário, de atividades que envolvam reflexão sobre a ortografia da língua, dentre outras possibilidades. Dessa forma, os “erros” cometidos pelos alunos resultariam em um farto material para a análise do processo de ensino-aprendizagem da língua.

Os linguistas criticam a forma de os professores quererem apenas corrigir estes “erros”, deixando de lado outros aspectos muito mais relevantes da produção textual como, por exemplo, a coerência, a coesão, a informação do texto etc. Privilegiando-se a

forma em detrimento do conteúdo, a escola acaba reforçando uma prática tradicional e excludente advinda de um modelo imposto pela gramática tradicional que dita as normas para quem fala e escreve.

Nesta perspectiva, se os alunos escrevem como falam ou quando transferem alguma marca da oralidade para a escrita tem-se uma ideia bastante equivocada de que esses desvios da norma padrão (NP) são considerados erros, segundo a gramática normativa. Com isso, logo os alunos são taxados de preguiçosos, desinteressados por não dominarem o português, e o bom falante seria aquele que segue a norma padrão, gerando assim o preconceito linguístico sobre esses alunos. Mas, isso não implica dizer que não é necessário o ensino da NP em sala de aula, pelo contrário, é imprescindível, já que possibilitará ao aluno o acesso a meios culturais diversificados. Por outro viés, o ensino dando ênfase apenas à norma padrão ignora a diversidade linguística.

Segundo Gomes (2008 p. 69): “podemos afirmar que a escola favorece o preconceito, as práticas discriminatórias e, assim, não alcança bons resultados no ensino, perpetuando a ideia de que o aluno não sabe a Língua Portuguesa”.

Esse preconceito existente em nossa sociedade, em maior ou menor escala, é denominado por Bagno (2011, p. 92) de: “círculo vicioso do preconceito linguístico.” Para o autor, este círculo é formado pela união de três eixos: gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos. Este círculo é formado da seguinte forma: a gramática tradicional se inspira em um modelo de ensino, que por sua vez provoca as editoras dos livros para a fabricação destes livros conforme a gramática normativa, que, ao final, recorrem a elas para sustento de suas concepções e teorias de ensino.

O ensino tradicional baseado na gramática normativa ainda continua no viés de que só existe uma única forma de se ensinar o português e os profissionais da educação também se sustentam nesta ideia tradicionalista, incentivando os alunos a falarem corretamente seguindo a NP, ou seja, seguindo um padrão único da língua prescrito pela gramática.

Ainda para Bagno (2011, p. 96) “é necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito”.

A escola, por sua vez, incorpora este comportamento de caráter preconceituoso, na sociedade em geral, rotulando os alunos pelos seus modos diferenciados de falar, taxando-os com conceitos como *certo* ou *errado*. Rotulando um aluno como *certo*

aquele que fala corretamente, de forma culta, inteligente, e errado aquele que fala fugindo à norma, sendo por isso incapaz de realizar tarefas de caráter intelectual e lógicas, tornando-se assim para muitos um aluno incompetente.

Então, para que se mude esta visão, Cagliari (2009, p. 70) afirma que:

Para a escola aceitar a variação linguística como um fato linguístico, precisa mudar toda sua visão de valores educacionais. Enquanto isso não acontece, os professores mais bem esclarecidos deveriam pelo menos discutir o problema da variação linguística com seus alunos e mostrar-lhes como os diferentes dialetos são, por que são diferentes, o que isso representa em termos das estruturas linguísticas das línguas e, sobretudo, como a sociedade encara a variação linguística, seus preconceitos e a consequência disso na vida de cada um.

Este preconceito arraigado nas pessoas sobre o uso da língua faz com que o sujeito negue suas próprias origens, e tente mudar seus hábitos, seu modo de falar para que os outros não percebam que ele fala “diferente” dos demais, e comecem a taxá-lo de “tolo”, “ingênuo”, que não domina o português, ou que não estudou a gramática. Sabemos que o preconceito é fruto da ignorância, e que as diferentes situações de comunicação demandam formas diferenciadas de uso da língua seja na modalidade oral ou escrita. A língua varia conforme a necessidade do falante, o local onde o sujeito está inserido, e de acordo com fatores ligados a questões socioeconômicas, ao grau de escolaridade do falante, a gêneros, à idade, dentre outros fatores que contribuem para a ocorrência da variação linguística.

Voltando à questão do ensino, os professores, de modo geral, ainda recorrem à gramática tradicional como única fonte de pesquisa; alguns já procuram outros recursos didático-pedagógicos como vídeos, músicas, documentários para suas aulas. Mas será que eles estão em busca de desconstruir o preconceito linguístico que está tão entranhado na maioria das pessoas? Ou procuram outra fonte de pesquisa só para enriquecer seu material sem analisar o possível preconceito que pode estar sendo veiculado por meio desses recursos?

Eis um questionamento muito importante, é possível que existam professores que procurem desconstruir esta ideia de preconceito, mas, sabemos que outros ainda colocam esta temática em seu plano de curso apenas para enriquecê-lo e para dizer que trabalham com a questão do preconceito linguístico em sala de aula, enfatizando a desconstrução deste, quando, na realidade, e, na prática, nem sequer falam sobre variação linguística com seus alunos. Esses professores não aceitam, em sala de aula, o uso coloquial da língua ou qualquer desvio em relação à norma padrão, recorrendo,

quase sempre, às formas privilegiadas de se falar o português, que estão vinculadas, segundo Bagno (2011, p. 132), “... à escrita literária, à língua escrita de modo geral”.

Mas, como separar esta ideologia entre o “certo” e o “errado”? Para Bagno (2011, p. 139):

“é preciso escrever uma gramática de língua urbana de prestígio brasileira em termos simples (mas não simplistas), claro e preciso, com um objetivo declaradamente didático-pedagógico, que sirva de ferramenta útil e prática para professores, alunos e falantes em geral”.

Como educadores devemos usar as ferramentas das quais dispomos para combater qualquer forma de preconceito linguístico, ou seja, devemos recusar qualquer tipo de discurso preconceituoso que desqualifique ou estigmatize o saber linguístico do aluno. Devemos combater mitos como: o brasileiro não sabe português, o português é difícil ou, pior ainda, as pessoas das camadas mais pobres ou pessoas que moram no campo, na periferia, usam a língua de modo errado. Cabe então ao professor refletir sobre estes mitos e adotar uma postura crítica em relação a estas superstições linguísticas, e não aceitar estes tipos de argumentos preconceituosos em sala de aula, buscando explicações para tais problemas, e esclarecendo o fenômeno da variação linguística, o porquê de sua ocorrência em nossa sociedade.

Na prática isso ocorre de maneira que o professor, ao invés de reproduzir o que está posto na gramática normativa, deve impor seu próprio conhecimento sobre a gramática e fazer o papel de pesquisador, trabalhando métodos inovadores e prazerosos de forma a usar textos coerentes, bem construídos, tanto na forma escrita quanto na forma oral. Cabe à escola também, ao acolher um sujeito dotado de conhecimentos adquiridos no seu meio sociocultural, não subestimar a inteligência deste, ou preocupar-se somente em transmitir conceitos e definições, considerando ainda que a língua varia e muda em detrimento de um contexto e de uma situação de comunicação.

Sabemos que a escola busca apenas o ensino da norma padrão (NP) sem considerar a linguagem que a criança adquiriu no contexto em que está inserida e, com isso, o ensino da variação linguística não é tratado de forma adequada, já que se considera “erro” tudo que foge à norma padrão. Assim afirma Cagliari (2009, p. 22):

A escola usa e abusa da força da linguagem para ensinar e para deixar bem claro o lugar de cada um na instituição e até na sociedade, fora dos seus muros. A maneira como se fala, como se deixa de falar, sobretudo como se pergunta e como são aceitas as respostas, muitas vezes, é usada não para avaliar o desenvolvimento intelectual do aluno, mas como um subterfúgio para lhe dizer que é burro, incapaz ou excelente. É uma forma de mostrar que o autor do livro, a professora, a escola possuem o saber, sem margens de dúvidas, bem como possuem o poder da autoridade disciplinar e moral a que o aluno deve se submeter.

Então a escola e os educadores devem mostrar aos alunos que a NP é uma das formas das variedades da língua, sem desqualificar ou criar estereótipos preconceituosos em relação às demais formas que se distanciam desse padrão. O papel da escola é ensinar a valorizar a diversidade linguística, destacando o fenômeno da variação linguística, seja de caráter social, regional, ou o que for. A variação linguística existe e deve ser respeitada e ensinada nas escolas tanto quanto a norma padrão prescrita pela gramática normativa.

### 3.5 LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA

Muitos estudos revelam que a língua escrita era considerada como a forma mais correta e privilegiada de uso da língua enquanto a língua falada era tida como algo fora dos padrões cultos de uso da língua. A língua falada era o lugar do “erro”, dos “desvios”, enquanto a escrita era o lugar da erudição. Nessa direção, estabelecia-se uma separação entre a fala e a escrita, considerando-se as duas modalidades como sendo duas línguas diferentes. Essa tese estava ligada às questões sociais de classe, de poder, e de dominação, tendo em vista o papel exercido pela escrita. Conforme Bagno (2009, p. 48):

A superioridade atribuída à escrita tem a ver exclusivamente com o prestígio social do texto impresso, com o valor cultural da palavra escrita, com o uso da escrita como instrumento de dominação e exclusão social. Em termos de estrutura e funcionalidade, a fala e a escrita dispõem dos mesmos recursos, têm muito mais semelhanças entre si do que diferenças.

O autor considera que entre a língua falada e a língua escrita há mais semelhanças do que diferenças, já que ambas compartilham os mesmos recursos linguísticos. Com isso, não cabe discutir o status da escrita em detrimento da fala e vice-versa. Em termos comunicacionais possuem a mesma eficácia e importância.

Lembremos que a escrita surgiu há milhares de anos a partir dos desenhos rupestres que visavam estabelecer informações e conceitos, em seguida, esses desenhos foram se adequando às necessidades do homem e foram tomando novas formas, surgindo assim os signos escritos que se tornaram um sistema mais compacto e

funcional<sup>2</sup>. Vale ressaltar que muitos povos eram considerados ágrafos, ou seja, não tinham a escrita alfabética, como era o caso das comunidades indígenas que habitaram o Brasil no período da colonização. Convém lembrar, grosso modo, que ainda existem comunidades ágrafas, e, que, muito antes de a escrita se consagrar como a forma de prestígio, já existia a fala. Isso de forma alguma atesta o privilégio da oralidade sobre a escrita ou vice-versa. Cada uma tem o seu papel na sociedade e sua importância no âmbito da comunicação.

Os autores Marcuschi e Dionísio (2007, p. 15) discutem sobre a inadequação da visão dicotômica em relação à escrita e à oralidade e relatam que:

Uma das posições defendidas nos ensaios aqui apresentados é a de que não há razão alguma para desprestigiar a oralidade e supervalorizar a escrita. Também não há razão alguma para continuar defendendo uma divisão dicotômica entre fala e escrita nem se justifica o privilégio da escrita sobre a oralidade. Ambas têm um papel importante a cumprir e não competem. Cada uma tem sua arena preferencial, nem sempre fácil de distinguir, pois são atividades discursivas complementares. Em suma, oralidade e escrita não estão em competição. Cada uma tem sua história e seu papel na sociedade.

Segundo esses autores o desprestígio da oralidade levou a uma situação de calamidade no ensino de língua, que era centrado no modelo de língua escrita. Sobre o assunto, Bagno (2009, p. 48), destaca que: “[...] só a língua escrita literária consagrada merecia ser estudada, analisada e codificada para, em seguida, se tornar objeto exclusivo de ensino”.

Houve avanços em relação a essa concepção, sendo possível preconizar mudanças nos currículos escolares e nos livros didáticos. Veja-se:

Hoje em dia, felizmente, as orientações curriculares oficiais exigem que se trabalhe na escola com os *gêneros textuais*, isto é, as múltiplas manifestações escritas e faladas que circulam na sociedade, evitando com isso a concentração exclusiva no modelo de língua forjado com base na literatura consagrada. Também se exige o ensino sistemático da língua falada, e todos os livros didáticos aprovados pelos programas oficiais de avaliação têm que dedicar um bom espaço ao desenvolvimento da *oralidade* dos alunos. (Bagno 2009, p. 48-49)

É preciso que a escola crie perspectivas de políticas públicas que incentivem o uso da língua oral em suas atividades tanto quanto o uso da escrita, evitando-se uma falsa premissa de que a fala é o lugar do *erro* e a escrita é a forma *correta* de uso da língua.

---

<sup>2</sup>Renato Silveira, Salvador, BH. Disponível em: <http://ahistoriapresente.blogspot.com.br/2011/05/arte-dos-povos-agrafos.html> acesso em: 31 de Maio de 2016.



A visão que tem sido repassada a respeito da fala e da escrita, segundo Fávero, Andrade e Aquino (2007, p. 9), é a seguinte: “A escrita tem sido vista como uma estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, uma estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto”. É preciso levar o usuário da língua a entender que tanto a fala como a escrita podem apresentar sua estrutura mais formal ou menos formal, mais complexa ou menos complexa e, ambas, muitas vezes, dependem do contexto, da situação de comunicação, do gênero envolvido nesse processo, das intenções e dos objetivos dos usuários, dentre outros fatores, tudo isso determinará as formas de uso da língua, seja na modalidade oral ou escrita.

O trabalho com a oralidade ainda é realizado nas escolas de modo superficial e fragmentado, uma vez que muitos professores não tiveram uma formação que contemplasse esta perspectiva de ensino. Embora ainda haja esta lacuna, cabe ao professor pesquisar, refletir e adotar estratégias metodológicas que incentivem o uso da oralidade nas atividades em sala de aula. Isso não significa afirmar que a escola e os professores devem ensinar o aluno a falar a sua própria língua materna, mas inserir a modalidade oral no trabalho com a língua, mostrando aos educandos a grande variabilidade que a língua possui.

Segundo os PCNs (1997, p. 26):

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido.

Assim, cabe à escola adotar o que propõe os PCNs, formando sujeitos proficientes na oralidade, a fim de que saibam adequar a fala em detrimento do contexto de comunicação, fazendo uso do registro ideal à situação, de acordo com as intenções pretendidas. Para isso, o professor deve propor atividades que incentivem o uso da modalidade oral tanto no registro formal ou informal da língua.

Mesmo pertencendo ao mesmo sistema linguístico, que é o sistema da Língua Portuguesa, a fala e a escrita apresentam características específicas. Fávero, Andrade e Aquino (2007, p. 69) apontam que: “De modo geral, discute-se que ambas apresentam

distinções porque diferem nos seus modos de aquisição; nas suas condições de produção, transmissão e recepção; nos meios através dos quais os elementos de estrutura são organizados”.

A seguir, mostraremos um quadro com algumas características específicas da língua falada e da língua escrita:

LÍNGUA ESCRITA	LÍNGUA FALADA
Meio visual: permanência e durabilidade posteriores ao momento de expressão.	Meio auditivo: transitoriedade, estando, geralmente, restrita ao momento de expressão.
Os participantes do ato de comunicação, geralmente, não estão na presença um do outro e o contexto situacional imediato não é tão relevante.	Os participantes estão interagindo diretamente um com o outro, havendo maior dependência do contexto situacional.
Permite planejamento e organização mais cuidadosos e estruturados, subdividindo-se em períodos, parágrafos e apoiando-se em sinais de pontuação.	É mais espontânea e sua estrutura menos convencional e planejada, incluindo mais improvisações, repetições, hesitações.
Não conta com recursos extralinguísticos, com gestos, expressões faciais, tom de voz.	Conta com recursos extralinguísticos, como gestos, expressões faciais, tom de voz.
É mais sujeita a convenções prescritivas.	É menos sujeita a convenções prescritivas.

FONTE: Manual de Linguística, Marcus Maia, 2006.

Esse quadro mostra algumas características específicas da fala e da escrita, obviamente, há outras a serem consideradas. Percebemos que tanto na fala quanto na escrita existe um sistema próprio de regras para ser seguido, tendo em vista que para se usar as duas modalidades devemos nos adequar a alguns aspectos que dizem respeito ao grau de formalidade ou informalidade da língua, ou seja, a forma culta ou coloquial, à situação de comunicação em que o falante está inserido, à relação de proximidade ou afetividade que existe entre os interlocutores, dentre outros fatores. Na escrita haverá uma preocupação maior com o uso da gramática para se estabelecer uma comunicação coerente entre quem escreve e quem lê, já que, nesse caso, não se fará o uso de gestos, expressões faciais etc., elementos presentes apenas na interação oral. Esse uso

dependerá também das intenções comunicativas, do gênero textual escolhido, do destinatário ao qual essa escrita é dirigida, dentre outros elementos.

Não estamos fazendo referência aqui à escrita digital utilizada na Internet, uma vez que fugiria ao escopo da nossa proposta. Certamente, esta apresenta uma série de elementos como ícones, imagens que se movem, *emoticons*, símbolos outros que se diferenciam da escrita convencional.

Convém salientar que se faz necessário abandonar as dicotomias criadas entre a fala e a escrita, em que a primeira é considerada não planejada, imprecisa, fragmentária, enquanto a outra é planejada, precisa e integrada. Tanto a língua oral quanto a escrita servem a propósitos comunicativos, possuem a mesma relevância e papéis sociais, o que exige da escola o compromisso de promover o uso das duas modalidades, em sala de aula, ou fora dela, seja em um registro mais formal ou menos formal em detrimento de uma situação de comunicação.

No próximo capítulo passaremos à descrição dos elementos ligados ao campo da pesquisa, desenvolvida na Escola do Campo Bento Tenório de Sousa, destacando aspectos envolvidos no trabalho com a variação linguística em sala de aula.

## **4 O TRABALHO COM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA DO CAMPO BENTO TENÓRIO DE SOUSA: INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE**

### **4.1 UNIVERSO DA PESQUISA: PRIMEIRAS PALAVRAS**

A fim de analisarmos como ocorre o trabalho com a variação linguística em sala de aula, mais especificamente, quais os fatores que propiciam esse fenômeno como, por exemplo, a faixa etária dos alunos, o gênero, o espaço geográfico, dentre outros, adentrando ainda na noção do erro e do preconceito linguístico, trataremos neste capítulo da descrição dos dados coletados e da discussão dos resultados alcançados a partir da pesquisa de campo, realizada por meio de observações das aulas de Língua Portuguesa (LP).

Nesta perspectiva, observamos aspectos da oralidade dos educandos no que diz respeito às marcas da variação regional, a relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem, realizando-se ainda análise dos livros didáticos de Língua Portuguesa, adotados pela escola para as três séries do Ensino Médio, além de proceder à aplicação de um questionário direcionado aos alunos dessas três turmas. Todos estes dados foram coletados, no período de março a maio de 2016, nas turmas do Ensino Médio da Escola do Campo Bento Tenório de Sousa. Devemos atentar para o fato de que essa pesquisa foi realizada com um total de 68 alunos, e os dados mostrados até aqui fazem referência a este universo.

A escola é composta por cinco salas de aula, uma sala de informática, uma sala que integra a secretaria e o ambiente para os professores no mesmo espaço, contendo também um banheiro. Em sua estrutura física há dois banheiros para os alunos, sendo um feminino e outro masculino, além de uma cantina, e de um espaço para ser servida a merenda dos alunos. No espaço da escola não existe um local específico para a realização de atividades como a leitura, assim, estas atividades acontecem ou em sala de aula, ou na sala de informática.

Percebemos que o acervo de livros literários da escola é precário e detectamos ainda a ausência de um espaço adequado para a acomodação dos livros. Ao longo do diagnóstico sobre a escola em questão, coletamos a informação a respeito do seu funcionamento e tomamos ciência de que a escola funciona somente no período da

manhã, com a oferta do Ensino Médio pelo estado, e, no período da tarde, o prédio atende a demanda de uma escola do município com as turmas do Ensino Fundamental. Com o contato que estabelecemos com a escola, a partir das observações e dos dados coletados, constatamos que todos os alunos são oriundos da zona rural.

Selecionamos como parte integrante das nossas pesquisas as três séries do Ensino Médio, nas quais são trabalhados os aspectos da variação linguística. Outro fato que justifica a escolha das três turmas do Ensino Médio foi a possibilidade de fazer comparações entre as turmas com relação à idade dos alunos e ao gênero, a fim de tentarmos comprovar ou não se a idade, o gênero contribuem para a ocorrência da variação linguística. Nossos dados serão descritos mais adiante a partir de nossas vivências, observações, análise dos livros didáticos e análises dos questionários respondidos pelos alunos da referida escola.

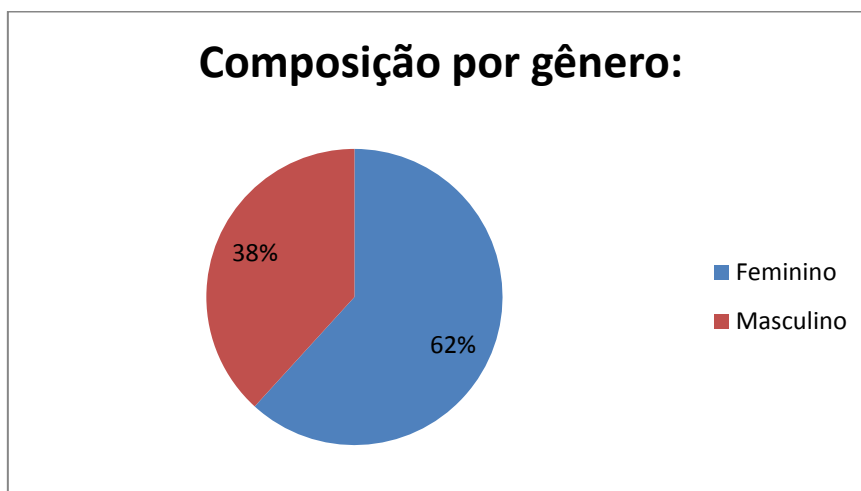
Ressaltamos que a atuação como bolsista do PIBID Diversidade<sup>3</sup> na referida escola também motivou a escolha da temática do trabalho, pois foi a partir do contato constante com o campo da pesquisa que busquei entender como se dava o processo de ensino-aprendizagem da variação linguística, tendo em vista ter observado na fala dos alunos certos usos específicos do contexto no qual se encontravam inseridos.

#### **4.1.1 Sujeitos da pesquisa**

Na nossa pesquisa de campo foi realizado um diagnóstico sobre os alunos das três turmas do Ensino Médio envolvendo aspectos ligados ao gênero, idade, local de origem/residência, dentre outros, por meio do qual obtivemos alguns dados elencados nos gráficos a seguir:

---

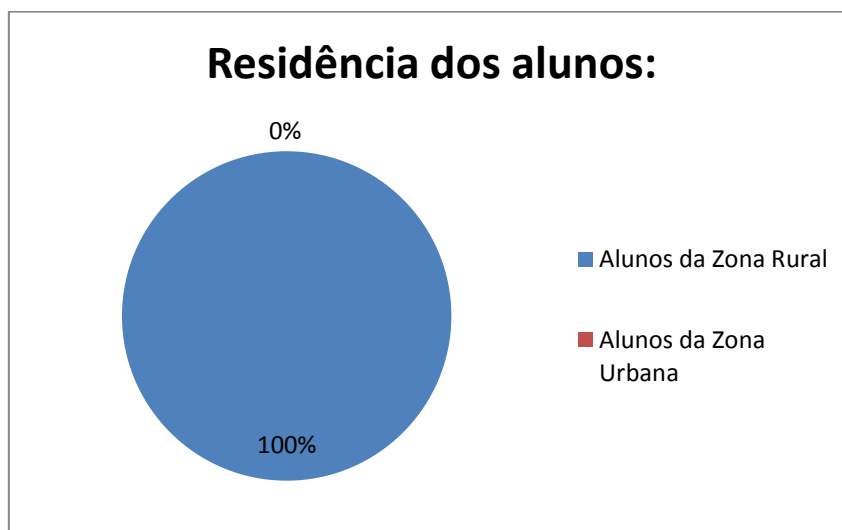
<sup>3</sup> Esta sigla se refere ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e o termo Diversidade faz referência ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFCG/CDSA, que contempla três áreas de formação: Linguagens e Códigos, Exatas e da Natureza, e Humanas e Sociais.

**Gráfico 1 - Composição por gênero dos alunos pesquisados**

Fonte: Pesquisa de Campo

O gráfico acima mostra o percentual em relação à composição por gênero masculino e feminino em um universo de 68 alunos pesquisados. Detectamos que a maior porcentagem se refere ao sexo feminino, resultando em 62% do total de pesquisados. Convém destacar que o percentual mostrado acima equivale aos alunos das três turmas do Ensino Médio.

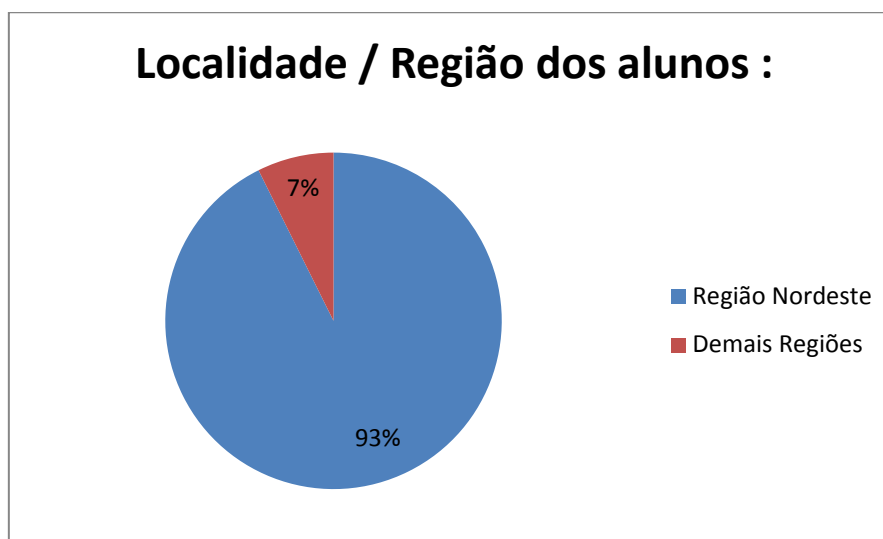
Realizamos um levantamento de dados sobre o local onde residem os alunos, a fim de investigarmos a proximidade com a escola, situada na zona rural, ou a possibilidade de alguns alunos virem de localidades mais distantes, até mesmo da zona urbana. Os resultados foram os seguintes:

**Gráfico 2 – Localidade em que os alunos pesquisados residem**

Fonte: Pesquisa de Campo

Percebemos nos dados do gráfico 2, que todos os alunos pertencem ao contexto do campo no qual a escola está inserida, ou seja, todos residem no local onde a escola está situada, a saber: no Assentamento Santa Catarina, Monteiro (PB). No próximo gráfico, mostraremos, em termos percentuais, se há algum aluno de outra região que veio morar na região Nordeste.

**Gráfico 3 – Localidade / Região dos alunos**

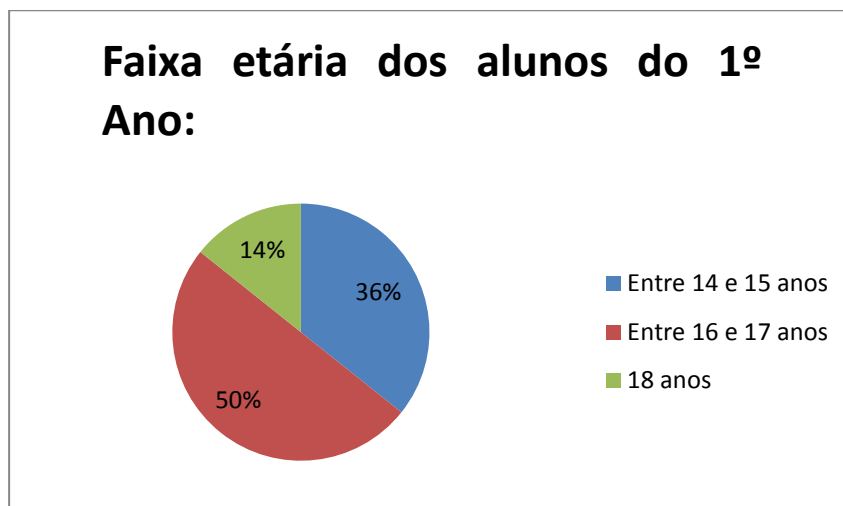


Fonte: Pesquisa de Campo

Acima, apresentamos o percentual dos alunos que pertencem à região Nordeste e também às demais regiões. É possível observar que a maioria dos pesquisados são da região Nordeste, totalizando 93%, enquanto 7% são de outras Regiões, como Centro-Oeste e Sudeste, sendo oriundos de localidades como São Paulo, Goiânia e Brasília, e passando a residir na Paraíba, na região Nordeste, mais especificamente, no Assentamento Santa Catarina, em que está localizada a escola. Esse dado é de total relevância para nossa pesquisa, pois, revela nas observações em algumas falas dos alunos aspectos que não são comuns à nossa região como, por exemplo, em muitas palavras pronunciadas por estes alunos houve uma palatalização de dadas consoantes, como na palavra *direto*, pronunciada por um dos alunos como uma palatal em que há a produção de um chiado, diferente da pronúncia dental do ‘d’ na palavra *dedo*. Isso ocorre também em palavras iniciadas por ‘t’, seguidas de ‘i’, como em *tia*. Em algumas regiões, essa consoante é pronunciada como uma fricativa, em que se produz um chiado também, diferente da pronúncia do ‘t’ na palavra *teto*.

Esse dado relativo à localidade ou região nos interessa por possibilitar a explicação da ocorrência de variedades encontradas entre esses falantes, sendo denominadas de Variação Geográfica, ou seja, são as variações de uma mesma língua que podem identificar os falantes em relação à origem, à naturalidade ou à região a que pertencem. Mostraremos a seguir o gráfico referente às idades dos alunos por série:

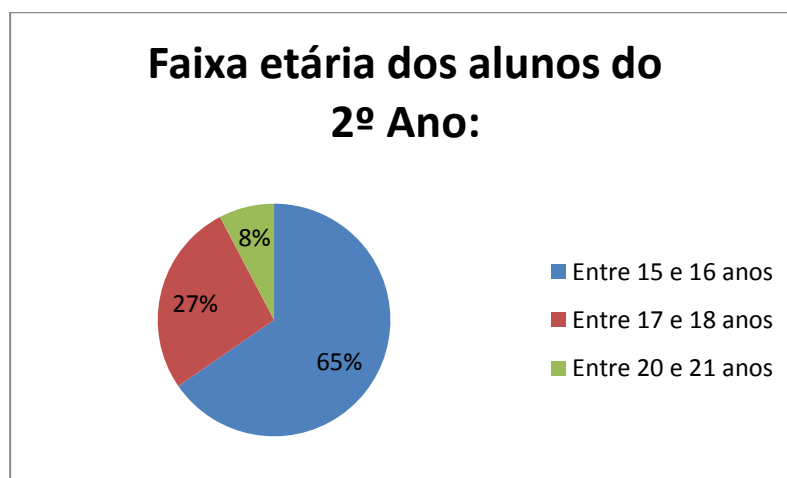
**Gráfico 4 – Faixa etária dos alunos do 1º Ano**



Fonte: Pesquisa de Campo

Percebemos no gráfico acima que 50% representam os alunos com idades entre 16 e 17 anos, e 14% representam alunos com 18 anos na turma do 1º Ano, havendo, em sua maioria, alunos que estão fora da faixa etária por série, já que apenas 36% do total correspondem à faixa etária adequada para essa série.

**Gráfico 5 – Faixa etária dos alunos do 2º Ano**

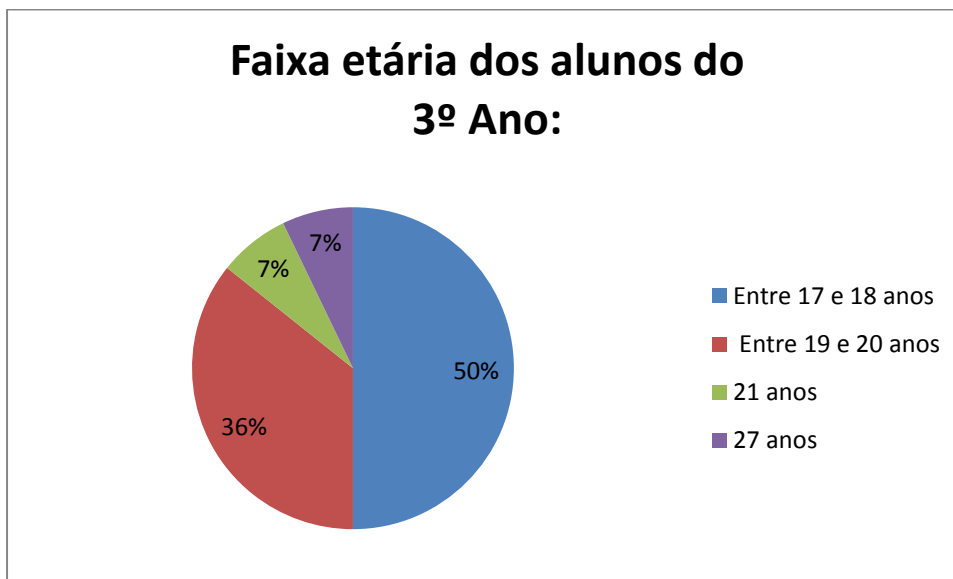


Fonte: Pesquisa de Campo



No gráfico 5 percebemos o inverso do gráfico 4, já que o percentual predominante de 65% representa os alunos que se encontram na faixa etária adequada ao 2º. Ano do Ensino Médio, ou seja, entre 15 e 16 anos de idade, enquanto 27% têm idades entre 17 e 18 anos e 8% entre 20 e 21 anos. Os dados revelam diferenças nas faixas etárias dos alunos, o que, de certa forma, pode ocasionar diferenças no uso do vocabulário, no emprego de gírias, dentre outros aspectos.

**Gráfico 6 – Faixa etária dos alunos do 3º Ano**



Fonte: Pesquisa de Campo

Nos dados representados acima observamos que há uma grande variedade de idade entre os alunos do 3º Ano, sendo que 50% desses alunos estão dentro da faixa etária adequada à série, ou seja, entre 17 e 18 anos. Os alunos que têm idade entre 19 e 20 anos correspondem a 36% do total, e os alunos com 21 e 27 anos de idade representam 7%. Constatamos que metade da turma se encontra fora da faixa etária adequada ao 3º Ano do Ensino Médio.

Os dados relativos à faixa etária dos alunos em cada ano foram significativos para a pesquisa, pois foi perceptível na fala dos alunos das diferentes turmas que há variedades relacionadas à idade como, por exemplo, o termo **fêssora**, pronunciado por um dos alunos do 1ª Ano, em substituição ao termo **professora**, detectando-se abreviações nas falas desses alunos, enquanto os alunos mais velhos como os do 2º e 3º Anos pronunciavam sempre da mesma forma a palavra **professora**, na íntegra.

#### 4.1.2 Observações em sala de aula

Por meio das observações semanais em sala de aula nas três turmas do Ensino Médio, nas aulas de Língua Portuguesa (LP), foi possível coletar dados referentes à oralidade dos alunos, observando aspectos relacionados à variação linguística, e, ainda, examinar a relação professor/aluno, aluno/professor, no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem que envolve o trabalho com a variação linguística em sala de aula. Além disso, procuramos registrar aspectos da interação verbal oral entre discentes e a professora, no cotidiano da sala de aula e, com isso, observamos a pronúncia de palavras, o apagamento, ou troca de consoantes, a fim de detectarmos elementos da variação linguística. Convém justificarmos que não foi possível gravar as aulas por falta de permissão da professora de Língua Portuguesa, e, que, por esse fato, as falas foram registradas por escrito nos momentos de observações das aulas.

Durante as observações percebemos nas falas dos alunos que eles se comunicavam com a professora, e, entre eles, usando a forma coloquial da língua com suas variações específicas da região Nordeste. Na observação do dia 6 de Abril de 2016, notamos as seguintes variações nas falas dos alunos da turma do 3º Ano: a palavra **reciclável** foi pronunciada **recicrável**, trocando-se o “l” pelo “r”. O mesmo ocorreu com a palavra **blusa**, pronunciada **brusa**, e com a palavra **reciclado**, cuja pronúncia foi **recicrado**, trocando-se a sílaba **cla** por **cra**. Na palavra **alguma**, observamos que a consoante “l” foi suprimida, resultando **aguma**. Já em outro momento, foi possível perceber na fala de um dos alunos a pronúncia das palavras **gente**, **diferente** e **recipiente**, como se houvesse um chiado no final, havendo uma palatalização da consoante *t* que soou assim: *gentchi*, *diferentchi*, *recipientchi*. Nestas palavras a vogal final “e” foi pronunciada como a vogal *i*, o que comumente ocorre em várias regiões do país.

Nas observações da turma do 1º Ano, neste mesmo dia, foram detectadas as seguintes pronúncias de palavras nas falas dos alunos: **fi** ao invés de **filho**, **mar** ao invés de **mais**, **fêssora** ao invés de **professora**, **ramo** ao invés de **vamos**, **sinhora** ao invés de **senhora**, **né** ao invés de **não é**, **falá** ao invés de **falar**, **oia** ao invés de **olha**. Chamamos a atenção também para a diferença de vocabulário nos usos de diferentes falantes das palavras **chapa**, **prótese**, **dentadura**. Ao longo das observações das aulas foi possível perceber que a professora, sempre, tentava corrigir seus alunos, quando, por exemplo,

alguém falava alguma palavra que fugia aos padrões da língua culta, ela repetia a palavra da maneira “correta”, julgando ser pertinente. Na verdade, percebemos que a professora apenas corrigia os alunos, e via como “erros” as diferenças linguísticas dos alunos, além disso, ela não chamava a atenção para a questão da variação linguística.

Observamos a turma do 2º Ano, no dia 13 de abril, e notamos alguns usos regionais nas falas dos alunos como, por exemplo, as palavras **oxe** ou **oxente**, que são palavras bem características da região Nordeste. Destacamos também a palavra **gente** pronunciada de forma que na posição átona final da palavra apareceu o **i**, resultando na pronúncia **genti**. Convém salientar, como já foi feito anteriormente, que a troca final do **e** pelo **i** é comum em várias regiões do país. Foram observadas outras palavras como, **fumo** (no singular) ao invés de **fomos**, e a palavra **cumeçaru** ao invés de **começaram**. Nas observações feitas nas três turmas, percebemos o uso frequente da pronúncia **a gente** ao invés de **nós**, esse uso foi muito comum tanto nas falas dos alunos quanto na fala da professora, o uso contínuo também da pronúncia **né** ao invés de **não é**, que é outra característica marcante da fala. É bem perceptível em todas as falas que as palavras terminadas em **e**, em posição átona, são pronunciadas como se no lugar da letra **e** fosse a vogal **i**. É importante ainda chamar a atenção para a mudança no paradigma flexional dos pronomes pessoais do caso reto da Língua Portuguesa, o que resultou no uso de **a gente** ao invés de **nós**, e no desaparecimento do emprego de **vós** em muitas regiões, além do uso dos pronomes **ocê** e **ocês** abundantemente.

O comportamento linguístico da professora é de caráter formal, geralmente, ela se comunica com seus alunos através da língua culta, havendo clareza em seu discurso e um cuidado com a pronúncia, concordância, regência, ou seja, um zelo em relação aos aspectos gramaticais, semânticos e morfossintáticos da língua.

Na turma do 3º Ano constatamos pronúncias de palavras como: **comendo** pronunciada **comenu**, a palavra **porquinho** pronunciada **poiquinho**, a palavra **preguiçoso** pronunciada **priguiçoso**.

No dia 27 de abril, nas observações das três turmas, não foi possível destacar muitos aspectos da variação nas falas dos alunos ou da professora, pois não houve muitos momentos de diálogos. Mas, observamos, mais uma vez, que a professora dialoga com seus alunos de forma clara e se apropria da linguagem formal. Um dado importante foi observado na leitura em voz alta feita pelos alunos, quando estavam

lendo algum texto do livro não faziam a concordância entre as palavras ou frases, ou melhor, o aluno começava a ler a palavra ou frase no plural e terminava no singular, sem fazer a concordância ao longo da leitura em voz alta. Percebemos ainda, no ato da leitura, a pronúncia de palavras de acordo com as variedades que eles adquiriram no meio em que vivem, ou ainda da forma que utilizam no dia a dia, fugindo, muitas vezes, à forma registrada no texto escrito. Com isso, constatamos que as marcas da oralidade eram transferidas durante a atividade de leitura do texto escrito.

### **4.1.3 O livro didático e o trabalho com a variação linguística**

Nesta parte passaremos à análise do livro didático de Língua Portuguesa das 3 (três) turmas do Ensino Médio, a fim de destacarmos se estes apresentam algo referente ao estudo da variação linguística, verificando como o assunto é abordado, a proposta de atividades, a segmentação dos capítulos e conteúdos, e, ainda, se o livro veicula algum tipo de preconceito linguístico, dentre outros aspectos.

Começamos analisando o livro didático (LD) do 1º Ano do Ensino Médio<sup>4</sup>, para investigar os aspectos elencados acima. Observamos que o livro está atualizado conforme o novo acordo ortográfico, e foi adotado para uso ao longo dos anos 2015, 2016 e 2017. Está segmentado apenas em capítulos, totalizando 15, e nos seus subtítulos contempla diferentes gêneros textuais como, por exemplo, a crônica, o conto e o romance. Em outros capítulos o livro aborda a temática da literatura brasileira, sendo dividida em tempos históricos. Seguindo, os outros capítulos contemplam o estudo da linguagem, os demais, o trabalho voltado para os aspectos gramaticais e, por fim, apresentam-se os apêndices contemplando o trabalho com a pontuação, acentuação gráfica, a crase e o hífen.

Neste LD não foi possível encontrar aspectos voltados para o trabalho com a oralidade, já que o livro não aborda nenhum capítulo específico sobre esta temática. No entanto, apresenta vários textos ou fragmentos de textos que poderiam servir de suporte ao professor na realização do trabalho com a modalidade oral da língua como, por exemplo, crônicas em versos e em letras de música, leituras lúdicas, narrativas, fragmentos de textos literários, poesias, letras de músicas, dentre outros gêneros

---

<sup>4</sup> FARACO, Carlos Alberto. **Português e cultura: língua portuguesa, 1º ano: ensino médio**. 3º ed. Curitiba: Base Editorial, 2013.

textuais. Em nenhuma parte dos capítulos examinados encontramos algo diretamente relacionado ao estudo da variação linguística.

Vale ressaltar que o estudo da gramática neste livro é realizado de forma bastante contextualizada, levando o aluno ao entendimento do que está proposto no LD, possibilitando a reflexão acerca do que é estudado, e a compreensão do papel gramatical, semântico e da função sintática desempenhada pelos elementos da língua. Ao longo das atividades há a solicitação para que os alunos consultem o dicionário. Há também uma apresentação de quadros ao lado de curiosidades para que os alunos se interessem em saber e pesquisar mais, além do estudo do texto bem fundamentado; há ainda outra parte denominada “atividade de grupo”, e, por fim, o livro contempla questões que foram retiradas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e vestibulares, para que os alunos possam refletir e verificar seus conhecimentos a respeito do que foi estudado.

O livro apresenta os diversificados gêneros textuais, com leituras complementares, com sugestões de outras leituras e, ao final, apresenta o estudo do texto. Podemos citar o capítulo 10, no qual se destaca o estudo da **linguagem e linguagens**, trazendo um histórico sobre a temática, e apresentando sugestões de leituras, atividades. Em seguida, apresentam-se os textos, a parte da prática da escrita, a leitura complementar e, por último, o estudo do texto, favorecendo o incentivo à escrita.

Mesmo que o livro analisado não tenha apresentado nenhum aspecto ligado diretamente ao trabalho com a variação linguística, a professora, por não seguir o Livro Didático (LD) na íntegra, em suas aulas no 1º Ano, abordou essa temática. Foram ministradas 5 (cinco) aulas, que tinham como objetivo, dentre outros, fazer com que o aluno fosse capaz de demonstrar a habilidade básica da leitura em voz alta. Nestas aulas foram abordados os seguintes temas dentro da variação linguística: norma padrão, variedades regionais e sociais. Foram utilizados como recursos metodológicos a exibição de filmes, leitura de quadrinhos e poemas.

O próximo livro analisado foi o do 2º Ano do Ensino Médio<sup>5</sup>, e, por ser da mesma coleção, também está atualizado de acordo com o novo acordo ortográfico, e é dividido por capítulos, sendo 13 capítulos ao todo, distribuídos em subcapítulos entre

---

<sup>5</sup> FARACO, Carlos Alberto. **Português e cultura**: língua portuguesa, 2º ano: ensino médio. 3º ed. Curitiba: Base Editorial, 2013.

gêneros textuais, almanaque gramatical, enciclopédia da linguagem, guia normativo e literatura, apresentando também 3 (três) apêndices, que abordam a pontuação, acentuação gráfica, a crase e o hífen. O livro didático (LD) não apresenta em seus capítulos estudos voltados especificamente para a prática da oralidade, mas, por apresentar vários gêneros textuais, caberá ao regente de turma desenvolver o trabalho com a modalidade oral da língua em sala de aula. No que diz respeito à escrita, é bem diversificado e incentiva de maneira clara o trabalho com a produção textual, mais especificamente, nos capítulos 1 a 7, pois abordam diferentes gêneros textuais.

É perceptível no LD do 2º Ano o trabalho com a variação linguística, esta temática é abordada nos capítulos 10, 11 e 12. O capítulo 10 aborda as questões relacionadas à variação geográfica, social e contextual. Analisando este capítulo percebemos que, mesmo abordando esta temática, o conteúdo e as atividades sempre dão ênfase ao uso da norma padrão como sendo considerada a forma privilegiada de uso da língua, tanto que uma das questões da atividade da página 169 é pedir para que o aluno transforme a narrativa, que apresenta marcas próprias da oralidade, em um texto escrito efetivo. Neste capítulo não se discute sobre o preconceito linguístico, destaca-se apenas a noção do “erro” de forma bem simples e breve. Os demais capítulos apresentam tópicos sobre a língua padrão, como concordância verbal, conjugação dos verbos irregulares, regência verbal, uso dos pronomes pessoais e possessivos, dentre outros aspectos ligados apenas à norma padrão.

Por se tratar de uma coleção, o trabalho com a gramática é apresentado da mesma forma nos três livros didáticos analisados, e, como já apresentamos considerações em torno do assunto ao longo da análise do livro do 1º. Ano, não se faz necessário retomar os comentários, em separado, sobre esta área do ensino de Língua Portuguesa.

Por último, analisamos o livro didático do 3º Ano<sup>6</sup>, que apresenta a divisão em 13 capítulos, e está atualizado pelo novo acordo ortográfico. Os 5 (cinco) primeiros capítulos abordam os gêneros textuais, do 6º ao 10º e o 13º capítulos trabalham com a literatura, e nos capítulos 11 e 12 destaca-se o guia normativo. O livro apresenta uma grande variedade de textos escritos, como também atividades que propiciam a prática da

---

<sup>6</sup> FARACO, Carlos Alberto. **Português e cultura**: língua portuguesa, 3º ano: ensino médio. 3º ed. Curitiba: Base Editorial, 2013.

escrita, e não aborda propostas para o desenvolvimento do trabalho com a oralidade. Sobre o trabalho com a variação linguística, o livro não apresenta nada específico sobre o tema, apenas nos capítulos 11 e 12, no guia normativo, aborda-se a questão do uso da norma padrão, enfocando a concordância, a adequação da língua, e a correção gramatical. Percebemos que os aspectos ligados à gramática são trabalhados da mesma forma apresentada nos outros livros como, por exemplo, o apêndice 1 da página 224 aborda a pontuação. Nesta atividade percebemos vários exemplos de como usar a pontuação, exercícios para praticar o conhecimento do aluno, há também uma pausa poética, que é a leitura de poema como complemento do tema abordado, e ainda a atividade de leitura complementar.

A partir das análises realizadas nos livros do Ensino Médio, notamos que, apesar do estudo sobre a variação linguística ter avançado, a abordagem sobre o tema nos livros didáticos ainda apresenta lacunas e propostas de atividades que acabam disseminando o preconceito ou negando a diversidade linguística. Percebemos que o que é mais trabalhado nos livros é o uso da norma padrão como sendo ainda a língua de maior prestígio ou a única forma de uso legítima, deixando-se de lado aspectos voltados para o uso da norma coloquial e das variedades linguísticas.

Observamos também nos três livros que o trabalho com a gramática é bem mais valorizado, seus conteúdos e atividades são descritos de forma detalhada, incentivando os alunos a conhecer as regras gramaticais. De forma implícita, percebemos que o livro continua a mediar e impor que os alunos sigam o que prescreve a gramática normativa como um modelo de língua ideal e perfeito. É preciso ressaltar que o ensino da gramática é necessário, e que o aluno tem o direito de aprendê-la a fim de saber utilizar os recursos linguísticos que a língua oferece para o usuário. Mas, ao mesmo tempo, o aluno precisa saber que a gramática não é a língua em si, ou seja, não espelha uma variedade utilizada por um falante real.

#### **4.1.4 Análise do questionário**

Os dados descritos a seguir foram coletados a partir de um questionário direcionado aos alunos do Ensino Médio, contendo sete questões, das quais seis são abertas e uma fechada. Convém ressaltar que, ao longo da exemplificação, algumas palavras se apresentarão grafadas em itálico sinalizando a forma como os alunos as

escreveram em suas respostas, ou seja, não procederemos à correção ortográfica, gramatical ou sintática das respostas fornecidas pelos sujeitos da pesquisa. Mais adiante analisaremos cada questão, mas, antes disso, mostraremos o gráfico abaixo com o total de participantes que aceitaram responder ao questionário:

**Gráfico 7 – Participantes do questionário**



Fonte: Pesquisa de Campo

Os resultados acima demonstram que a maioria dos alunos aceitou responder ao questionário, totalizando 75%, enquanto 25% correspondem aos que não aceitaram responder ao questionário alegando desconhecer o assunto. Além disso, convém informar que, no dia da aplicação do questionário, alguns discentes faltaram à aula. Obtivemos estes resultados a partir da pesquisa realizada com três turmas do Ensino Médio (1º. ao 3º. Ano), totalizando 68 alunos.

Começaremos ilustrando os dados relativos à primeira pergunta do questionário, que será apresentada na tabela abaixo:

**Tabela 1– Principais respostas dos alunos à questão 1**

<b>Questão 1 – Para você, o que é linguagem?</b>	Frequência	%
Modo de se expressar oralmente e escrever	5	11
Comunicação entre as	10	21



peças		
Referente ao idioma de cada país	18	38
Não souberam ou não entenderam a pergunta	11	24
Deixaram em branco	3	6
TOTAL	47	100

Fonte: Pesquisa de Campo

Os resultados mostram que a maioria dos alunos considera o idioma (38%) como sendo a definição da linguagem, como mostra o exemplo do aluno 4: “É o nosso idioma e de outras pessoas como os *argentino*”. Para 21% a linguagem é a comunicação entre as pessoas, como podemos perceber na resposta do aluno 2: “Linguagem é um modo de *expressa* se comunicando com outras pessoas”. Para 11% dos que responderam a linguagem é o modo de expressar oralmente e escrever. Como exemplificação destacamos a resposta do aluno 1: “Uma forma de expressão, tanto ao falar, quanto ao escrever”. Do total 24% não souberam ou não entenderam a pergunta, e 6% deixaram em branco.

Percebemos, então, que a maioria dos alunos desconhece o significado da palavra “linguagem” ou confundem com os termos “língua” e “fala”.

Na tabela a seguir mostraremos as principais respostas atribuídas à segunda pergunta do questionário:

**Tabela 2 – Principais respostas dos alunos à questão 2**

<b>Questão 2 – Descreva em poucas palavras o que é língua:</b>	Frequência	%
Relacionaram a língua com a fala.	12	25
Relacionaram a língua à comunicação entre as pessoas.	3	6
Relacionaram a língua ao idioma de cada país.	14	30

Não responderam à questão.	5	11
Não souberam ou não entenderam a questão	13	28
Total	47	100

Fonte: Pesquisa de Campo

Os dados da tabela acima mostram que, em sua maioria, (30%) dos participantes consideram a língua como sendo o idioma de cada país. Como exemplo descrevemos a resposta do aluno 2: “Língua é o que usamos de um país para outro”. Outros responderam que a língua está relacionada com a fala, como descreve o aluno 4: “É uma palavra que descreve o nosso falar”, totalizando 25%. E 6% responderam que a língua é a comunicação entre as pessoas, conforme a resposta do aluno 5: “É o que usamos para *si* comunicar.” Dos respondentes 28% não souberam ou não entenderam a questão, e 11% não responderam à questão.

Percebemos nas respostas analisadas que 30% do total dos alunos conseguiram descrever o que vem a ser a língua, definindo-a, de modo geral, como um código formado por palavras que pertencem a um determinado grupo no qual o sujeito está inserido como, por exemplo, a língua brasileira, a língua inglesa, italiana, dentre outras.

Analisaremos, na tabela abaixo, as principais respostas dos alunos à questão 3:

**Tabela 3 – Principais respostas dos alunos à questão 3**

<b>Questão 3 – O que você sabe sobre conceitos ou julgamentos <i>certo</i> e <i>errado</i> em relação ao uso da língua?</b>	Frequência	%
Certo e errado relacionados à fala e a escrita	12	26
Não responderam à questão	9	19
Não souberam ou não entenderam a questão	26	55

TOTAL	47	100
-------	----	-----

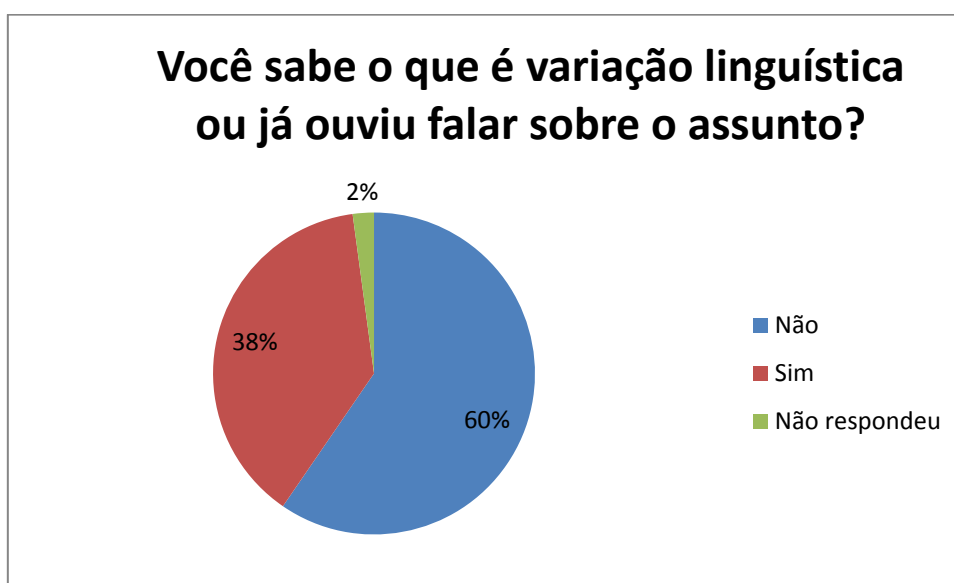
Fonte: Pesquisa de Campo

Percebemos nos dados acima que houve uma maior frequência, cerca de (55%) entre os que não souberam ou não entenderam a pergunta, enquanto 26% responderam que os conceitos de *certo* e *errado* estão relacionados à forma com que falamos que, muitas vezes, transferimos para a escrita. Como se a fala fosse o lugar do erro e a escrita não. Como exemplo citamos a fala do aluno 6: “Que muitas vezes escrevemos do jeito que falamos e nem todas as palavras são escritas como dizemos elas”. Do total de participantes 19% não responderam à questão.

Notamos que os alunos, ao responderem que os conceitos “certo” e “errado” estão ligados à fala e à escrita, demonstram ainda mais o fato de que a escola adota a prática tradicional e excludente advinda de um modelo ideal de língua (a norma padrão), que dita as normas para quem fala e escreve. A escola geralmente incorpora a língua escrita como sendo a mais privilegiada e como a forma mais correta de uso da língua, enquanto a língua falada é considerada mais distante dos padrões cultos da língua, evidenciando-se, com isso, um desprestígio em relação à modalidade oral. Devemos considerar que tanto a fala quanto a escrita possuem um sistema próprio de regras a ser seguido, apresentando a mesma importância no âmbito da comunicação, isto é, nenhuma modalidade é superior ou inferior à outra.

Para as respostas à questão 4 elaboramos um gráfico que será exposto a seguir:

**Gráfico 8 - Respostas dos alunos à questão 4**



Fonte: Pesquisa de Campo

Analizamos o gráfico acima e notamos que 60% dos respondentes assinalaram a alternativa NÃO, ou seja, responderam que não ouviram falar ou não sabiam dizer o que é variação linguística, enquanto 38% assinalaram como resposta a alternativa SIM, afirmando que já ouviram falar ou sabiam dizer o que é variação linguística. E 2% representam os que não responderam à questão. Pelos resultados obtidos constatamos que a maioria ainda não tinha ouvido falar sobre variação linguística. O questionário foi aplicado no dia 9 de abril, e, neste período, a professora de Português ainda não tinha ministrado suas aulas sobre o tema, no 1º Ano, e, no 2º Ano, ainda não tinha sido trabalhado o capítulo que trata sobre a variação, como também no livro do 3º Ano, que aborda mais a língua padrão.

Agora analisaremos as respostas atribuídas à questão 5, que complementa, de certo modo, a questão 4. Observemos a tabela abaixo:

**Tabela 4- Principais respostas dos alunos à questão 5**

<b>Questão 5 - Se a resposta for sim, o que você entende sobre variação linguística. Descreva em poucas palavras o que você sabe:</b>	Frequência	%
Varição linguística está ligada ao idioma	4	22
Varição linguística ligada às variedades encontradas na fala	9	50
Não respondeu à questão	1	6
Não souberam ou não entenderam a questão	4	22
<b>TOTAL</b>	<b>47</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de Campo

Notamos no quadro acima que (50%) dos participantes responderam que a variação linguística está ligada às variedades encontradas na fala, como descreve o aluno 3: “A variação *linguística e varias* línguas ou variações no modo de falar”. Outros 22% responderam que a variação linguística está relacionada ao idioma. Como exemplo citamos o aluno 4: “Uma variação de idiomas”. Do total 6% não responderam à pergunta, e 22% não souberam ou não entenderam a questão.

Vejam os quais as principais respostas apresentadas para a questão 6, na tabela abaixo:

**Tabela 5 - Principais respostas dos alunos à questão 6**

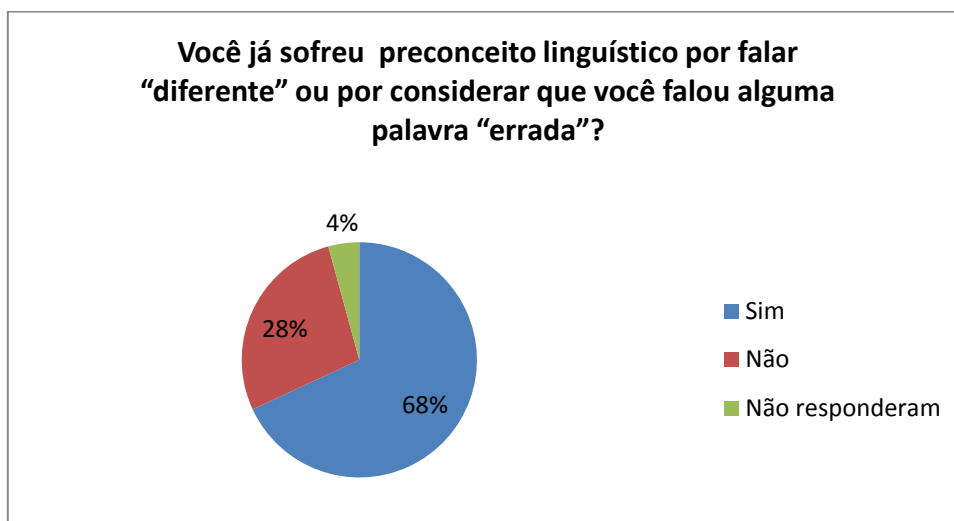
<b>Questão 6- No seu entendimento, o que é preconceito linguístico?</b>	Frequência	%
Julgamentos que fazemos às pessoas por falarem diferente.	14	30
É o modo como as pessoas falam errado	20	43
Não responderam	2	4
Não souberam ou não entenderam a questão	11	23
<b>TOTAL</b>	<b>47</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de Campo

Percebemos nesta questão que (43%) dos alunos responderam que preconceito linguístico é o modo como as pessoas falam *errado*, como exemplo citamos o aluno 7: “Não falar correto como tem que falar”. Somando 30% os alunos que responderam que preconceito linguístico é o julgamento que fazemos pelo fato de algumas pessoas falarem diferente, como respondeu o aluno 6: “É quando julgamos uma pessoa pelo jeito que ela fala”. Desses alunos 4% não responderam à questão, e 23% não souberam ou não entenderam a pergunta.

O que talvez justifique o fato de a maioria ter considerado o preconceito linguístico como o uso errado da fala ou modo errado de se falar seja a postura adotada pelo professor em sala de aula ao taxar certos usos que se distanciam da norma padrão como sendo “errados”. Assim, as diferenças linguísticas encontradas nas falas dos alunos são consideradas “erros”, e não variação linguística. Outro aspecto talvez seja a ausência de discussão sobre o assunto em sala de aula, levando os alunos ao desconhecimento do tema.

Por fim, analisaremos a questão 7, que será representada pelo gráfico a seguir:

**Gráfico 9 – Respostas dos alunos à questão 7**

Fonte: Pesquisa de Campo

O gráfico acima demonstra que 68% dos respondentes afirmaram ter sido vítimas do preconceito linguístico, enquanto 28% disseram que não sofreram nenhum tipo de preconceito linguístico e 4% não responderam à questão. O aluno 2 respondeu o seguinte, quando afirmou ter sido vítima de preconceito linguístico: “Sim através das palavras pronunciadas incorretas”. Notamos na resposta do aluno que o preconceito linguístico ainda ocorre com frequência e está associado ao “erro”. Isso ocorre porque muitos falantes desconhecem o fenômeno da variação linguística e julgam as formas diferenciadas de uso da língua como inferiores e desprestigiadas em relação à língua culta.

A partir do questionário aplicado e de todos os dados coletados, percebemos que o trabalho com a variação linguística ainda continua sendo abordado de forma superficial no livro didático e em sala de aula, e que ainda se privilegia o uso da gramática normativa como sendo o cerne do ensino de língua. E, como consequência desse ensino, a norma padrão é imposta como modelo ideal de língua. Vislumbramos também a não valorização das variedades encontradas nas falas dos alunos, comprovando que essas variedades são tidas como “erros”, o que acaba desembocando no preconceito linguístico. Detectamos uma visão única na forma de uso da língua, voltada para a norma padrão, além da visão da fala como o lugar do erro e da escrita como um bloco homogêneo. Foi possível perceber nas respostas dos alunos uma distorção no entendimento dos conceitos de língua e linguagem, como também a falta de conhecimento sobre o fenômeno da variação linguística e o preconceito linguístico.

Sendo assim, de modo breve, e em virtude do espaço que alcança um trabalho com esse teor, queremos propor atividades complementares em sala de aula a fim de sanar as lacunas percebidas em relação ao estudo da variação linguística. Como exemplo, o (a) professor (a) pode trabalhar com seus alunos entrevistas envolvendo pessoas de regiões diferentes, mostrando sotaques variados, músicas de cantores de várias regiões, dentre outros materiais que possam mostrar falantes reais, com sotaques reais.

Convém salientar que há formas diferenciadas de uso da língua e o professor precisa mostrar essa realidade para os discentes, podendo também realizar trabalhos que perpassem os muros da escola, ou seja, os alunos podem fazer um levantamento sobre suas famílias, descobrir a origem e relatar algumas variedades encontradas na fala de parentes, e, trazer para sala, analisando se aquelas variedades encontradas são comuns à nossa região Nordeste ou a outras regiões.

Por fim, outra sugestão é que atividades de passar para a língua culta o que foi escrito na língua coloquial, ou registrado na fala de personagens rurais, de uma região específica, ou da periferia, sejam evitadas, porque acabam negando a existência da variação linguística e reafirmando o preconceito em torno dos usos diferenciados da língua.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos da Sociolinguística trouxeram para a educação muitas reflexões coerentes sobre a língua materna, sobre letramento e sobre alfabetização, trazendo também grandes contribuições para essas temáticas no ensino. No Brasil, convivemos com variedades linguísticas, cabendo à Sociolinguística estudar a importância social e as mudanças da língua.

Os linguistas, no âmbito do ensino de Língua Portuguesa, criticam a forma de os professores quererem apenas corrigir os “erros” cometidos pelos alunos, no uso da modalidade oral ou escrita da língua, impondo, sempre, a norma padrão, e colaborando com uma prática tradicional e excludente segundo a qual quem fala ou escreve tem que obedecer à gramática tradicional. Isso não diminui a importância do ensino da norma padrão em sala de aula, pelo contrário, esse ensino é imprescindível, já que possibilitará ao aluno o acesso a meios culturais diversificados. Por outro viés, o ensino dando ênfase apenas à norma padrão, ignora a diversidade linguística. E, com isso, segundo Gomes (2008 p. 69): “podemos afirmar que a escola favorece o preconceito, as práticas discriminatórias e, assim, não alcança bons resultados no ensino, perpetuando a ideia de que o aluno não sabe a Língua Portuguesa”.

Percebemos que ainda prevalece no sistema educacional a imposição do que é prescrito pela gramática normativa. Entretanto, sabemos que essa gramática está apoiada em uma concepção de língua homogênea, estática e que não reflete as possibilidades reais de usos da língua. Notamos também que os discentes cristalizaram aspectos que deturpam a noção de “erro”, e que persistem entre os próprios usuários da língua julgamentos maldosos às pessoas que falam de diferentes formas, originando o preconceito linguístico. Diante disso, a escola deve trabalhar no ensino da língua materna considerando a pluralidade da língua, conscientizando os alunos de que existem as variedades linguísticas e combatendo o preconceito linguístico.

A partir das considerações elencadas acerca do trabalho com a variação linguística, e a problemática que gira em torno do ensino de Língua apoiado na norma padrão, dentre outras questões, fundamentamos nossa pesquisa em pressupostos teóricos da Sociolinguística e na análise de dados registrados durante as observações em sala de aula, nas turmas do Ensino Médio da Escola do Campo Bento Tenório de Sousa, situada em Monteiro - PB. Procedemos à análise de dados referentes ao gênero dos alunos, à



localidade, região, faixa etária, a fim de descrevermos o universo da pesquisa, como também comprovarmos a existência de variação linguística a partir desses fatores.

Realizamos também observações nas aulas de Língua Portuguesa, para detectar variações nas falas dos alunos e também da professora, observando a relação professor/aluno, aluno/professor no que concerne ao registro formal ou informal utilizado nas interações em sala de aula. Nessa parte analítica descrevemos palavras que foram pronunciadas pelos alunos durante as aulas observadas, e percebemos aspectos da oralidade comuns à nossa região, mais especificamente, ao nosso estado, a Paraíba. Destacamos também algumas palavras, que se diferenciaram das demais, na fala de alunos de outras regiões.

Consideramos pertinente analisar os livros didáticos das turmas do Ensino Médio na disciplina de Língua Portuguesa, a fim de compreendermos como era proposto o trabalho com a variação linguística, e notamos que apenas o livro do 2º Ano apresentava um capítulo específico voltado para essa temática. E, apesar de os estudos voltados para a variação linguística terem avançado de forma significativa, os livros abordam esta temática ainda de forma superficial, com o predomínio da norma padrão como sendo a única forma de uso da língua. Foi possível perceber também que o trabalho com a gramática ainda ganha destaque entre as atividades propostas no livro didático. Embora só o livro do 2º Ano apresente um estudo voltado para a variação linguística, faz-se necessário destacar que a professora contemplava em seu plano de aula da turma do 1º Ano algumas aulas voltadas para o estudo dessa temática.

Nas análises feitas a partir do questionário, os resultados mostraram que os alunos ainda têm uma visão distorcida sobre variação linguística, e isso se deve ao fato de os livros didáticos não contemplarem estudos que abordem a variação e os fatores que concorrem para tal variação, ou, quando muito, apresentarem o assunto de modo superficial e inadequado. Convém ressaltar, que não queremos impor que as escolas adotem em suas práticas pedagógicas estudos voltados para a variação linguística, mas que o tema seja mais valorizado pela comunidade escolar, pois os alunos ainda hoje têm visões distorcidas sobre o fenômeno da variação linguística, e isso afeta o conhecimento sobre a temática e acaba intensificando ainda mais o preconceito linguístico.

Precisamos ter em mente que a língua é viva, dinâmica, e está em constante mudança, por isso, sempre haverá variações. É preciso acompanhar esse percurso, compreendendo-o como um processo natural responsável pelas diferenças apresentadas nos usos que fazemos da língua.

Diante do exposto acreditamos que o nosso trabalho seja de grande valia para o ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente, no trabalho com a variação linguística. Esperamos que, ao longo do nosso estudo, tenhamos fornecido uma análise e reflexão sobre os aspectos voltados para a variação linguística e, que, de alguma forma, tenhamos contribuído para que os educadores repensem suas práticas pedagógicas e as escolas incluam em seus currículos estudos e atividades que envolvam a variação linguística.

Nesta perspectiva, a escola e os educadores devem mostrar aos seus alunos que a norma padrão é uma das formas das variedades da língua, sem deixar de lado as demais formas que não são consideradas pela gramática normativa formas corretas de se ensinar a língua, desqualificando e criando estereótipos preconceituosos em relação à variação linguística, seja ela de caráter social, regional etc. A variação linguística existe e deve ser respeitada e ensinada nas escolas tanto quanto a norma padrão prescrita pela gramática normativa.

Por último, gostaria de destacar a importância desse trabalho para a minha experiência enquanto futura educadora de Educação do Campo, na área de Linguagens e Códigos, como uma oportunidade de aprendizagem e amadurecimento, pois me fez refletir e repensar minhas práticas pedagógicas e compreender a heterogeneidade da língua, valorizando a diversidade linguística. Pude também, grosso modo, reconhecer as variedades linguísticas de sujeitos do campo inseridos em um contexto específico, tendo em vista que a pesquisa empreendida foi realizada em uma escola do campo. Resta ainda afirmar que este trabalho sobre o fenômeno da variação linguística se configura como um estudo desenvolvido em uma escola do campo, estando sujeito a inserções e mudanças que possam vir a contribuir com a temática, podendo ser executado em qualquer escola seja do campo ou da cidade, da zona rural, ou da periferia.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna, letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. (org.). **Linguística da norma**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. **Preconceito linguístico, o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, [1999] 54ª edição agosto 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais (PCNs): Língua portuguesa**. Ensino de primeira à quarta série. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1980.

COSTA, Marcos Antonio. **Estruturalismo**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.) Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2011, 253 p. Cap. 9. p. 113-126.

CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Linguística**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.) Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2011, 253 p. Cap. 2. p. 15-30.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Gramática do português contemporâneo**. 6 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O; AQUINO, Zilda G.O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 6º ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GOMES, Altair Martins. **A influência da oralidade na escrita: uma análise sociolinguística sobre as redações escolares de uma escola pública do Distrito federal**. Brasília: 2008.

HOUAISS, Instituto Antônio (ogr.). **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

KENEDY, Eduardo. **Gerativismo**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2011, 253 p. Cap. 10. p. 127-140.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LYONS, John. **As ideias de Chomsky**. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1970.

MAIA, Marcus. **Manual de linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem**. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de educação continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva (orgs.). **Fala e escrita**. 1º ed. MEC/SESU. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARTELOTTA, Mário Eduardo *et al.* **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011, 253 p.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

PERINI, Mário A. **Sobre língua, linguagem e Linguística: uma entrevista com Mário A. Perini**. ReVEL. Vol. 8, n.14, 2010.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. **Saussure e a definição da língua como objeto de estudos**. Universidade Católica de Goiás. ReVel. Edição especial n. 2, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert (Orgs.). Tradução por: Antônio Chelini; José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática ensino plural**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

## **APÊNDICE**

## APÊNDICE A – Termo de consentimento



### **CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO**

### **UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO**

### **CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Prezado(a) Sr(a),**

Eu, **Isadora Sousa Alexandre**, como aluna do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande, do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, pretendo desenvolver uma pesquisa com a educadora Thaiana Campos e com os (as) educandos/as das turmas do 1º. ao 3º. Ano do Ensino Médio, com a finalidade de fazer minha pesquisa de campo referente à monografia que tem por objetivo geral: Analisar o processo de ensino-aprendizagem da variação linguística, no Ensino Médio, na Escola Bento Tenório de Sousa, Monteiro (PB), sob a orientação da Profa Dra. Mônica Martins Negreiros.

O(s) motivo(s) que nos leva(m) a estudar o assunto é entender o trabalho com a Variação Linguística nas turmas citadas acima, na Escola do Campo Bento Tenório de Sousa. Este trabalho aborda os seguintes objetivos específicos: 1. Conhecer a metodologia da Professora de Língua Portuguesa no trabalho com a Variação Linguística. 2. Examinar os livros de Língua Portuguesa do Ensino Médio para verificar a abordagem do tema Variação Linguística e Preconceito Linguístico. 3. Investigar como a temática da Variação Linguística é abordada nas aulas de língua portuguesa nas turmas do Ensino Médio na Escola do Campo Bento Tenório de Sousa, Monteiro (PB). A metodologia da pesquisa consiste em uma abordagem na qual o pesquisador necessita

de contato com a Professora de Língua Portuguesa, com as salas de aula e com os (as) educandos (as). Entre os instrumentos metodológicos vamos utilizar a observação de aulas, aplicação de questionários e análise do livro didático de língua portuguesa do Ensino Médio.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa. A sua participação é voluntária, não irá acarretar qualquer dano nem custos. Esclarecemos que não haverá nenhum tipo de compensação financeira, nem para os pesquisados nem para a pesquisadora, visto que se trata de uma pesquisa acadêmica para a realização de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos da área educacional.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo através das assinaturas abaixo.

---

Isadora Sousa Alexandre– estudante pesquisadora

Matrícula 712130071

---

Mônica Martins Negreiros– Profa. Orientadora

Matrícula SIAPE 1741502

Consentimento:

---

Diretora da Escola

---

Professora de Língua Portuguesa

## APÊNDICE B – Observações das aulas

Observação da aula: 06/04/36 Estágio

3º Ano → Assunto: Linguagem verbal e linguagem não verbal.

\* Apresentação em slides sobre o assunto

\* A aula deu início com a professora questionando os alunos o que eles sabem sobre linguagem verbal e não verbal

3º Ano observação da aula TCC: 06/04/36

Frase: sem conexão = frases com poucas palavras\*

Devulção os flauta\*

Recicrável = reciclável

gente

diferente

recipiente

} palavras faladas com o chiao "eh"

brusa = blusa

recicração = reciclação

~~alg~~ alguma = alguma

corçal = Ai se Sêsse: corçal que foge encontro

3º Ano

06/04/36

Professora de nós\*

Obs: palavras reais

filho = fe

mais = mar

professora = fêssora

Romo = roma

senhora = sinhora

não = num

falar = fala

~~proteu~~ = chapa



\* Obs : De 21 alunos, apenas 39 ~~o~~ participaram, alguns não sabem responder!

06/04/16

33104136

Observação do 2º Ano  
Palavras

Oxi = Oxi

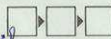
começou = começaram

gente = gente

fumo = fumes



Dia 27 de Abril



Observação das turmas do  
1º Ano, 2º e 3º.

Não foi possível constatar  
muitos diálogos entre professor  
e aluno. Mas, o pouco que obser-  
vei a professora dialoga com  
os alunos de forma clara e  
de maneira da linguagem  
verbal. O notório algumas  
trocações na língua, mas se  
ocorre na fala dos alunos.

Obs: Os alunos muitas vezes quando  
estão lendo algo, algum texto,  
não fazem a entonação tal qual  
está no livro.

**APÊNDICE C – Questionário****QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO****Lócus da pesquisa:** E.E.E.M Bento Tenório de Sousa – Escola do Campo

Assentamento Santa Catarina / Monteiro-PB

**SUJEITOS DA PESQUISA:** Alunos (as)**Turmas:** 1º ao 3º Ano do Ensino Médio**Aluno(a):** \_\_\_\_\_ -**Série:** \_\_\_\_\_**Idade:** \_\_\_\_\_1- Para você o que é **linguagem**?

---

---

---

---

---

2- Descreva em poucas palavras o que é **língua**:

---

---

---

---

3- O que você sabe sobre os conceitos ou julgamentos *certo* e *errado* em relação ao uso da língua?

---

---

---

---

4- **Você sabe o que é variação linguística ou já ouviu falar sobre o assunto?**

( ) SIM      ( ) NÃO

5- Se a resposta for **sim**, o que você entende sobre **variação linguística**? Descreva em poucas palavras o que você sabe sobre o assunto:

---

---

---

---

6- No seu entendimento, o que é **preconceito linguístico**?

---

---

---

---

7- Você já sofreu algum tipo de **preconceito** por falar “diferente” ou por considerarem que você falou alguma palavra “errada”?

---

---

---

---

**Obrigada pela participação!**

**ANEXO**

## ANEXO A – Questionário respondido pelo aluno 1

## ANEXO-QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO

Lócus da pesquisa: E.E.E.M Bento Tenório de Sousa – Escola do Campo

Assentamento Santa Catarina / Monteiro-PB

SUJEITOS DA PESQUISA: Alunos (as)

Turmas: 1º ao 3º Ano do Ensino Médio

Aluno(a):

Aluno 1

Série: 1º ano

Idade: 14 anos

Aluno 1  
Exemplo  
citação ↓1- Para você o que é **linguagem**?

Uma forma de expressão, tanto de falar, quanto de escrever.

2- Descreva em poucas palavras o que é **língua**:

Forma de falar de um certo local.

3- O que você sabe sobre os conceitos ou julgamentos **certo** e **errado** em relação ao uso da língua?

O certo é as palavras que encontramos no dicionário e que são escritas corretamente. É errado, considerar a linguagem informal como palavras abreviadas ou incorretas.

4- Você já ouviu falar ou sabe dizer o que é **variação linguística**? SIM       NÃO

5- Se a resposta for **sim**, o que você entende sobre **variação linguística**? Descreva em poucas palavras o que você sabe sobre o assunto:

Que existem diferentes formas linguísticas.

6- No seu entendimento, o que é **preconceito linguístico**?

Um conceito errado sobre a forma que outras pessoas falam por ser diferentes.

7- Você já sofreu algum tipo de **preconceito** por falar "diferente" ou por considerarem que você falou alguma palavra "errada"?

Apenas um pouco, quando reagi para outras cidades.

Obrigada pela participação!

## ANEXO B – Questionário respondido pelo aluno 2

**ANEXO-QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO**

**Lócus da pesquisa:** E.E.E.M Bento Tenório de Sousa – Escola do Campo  
Assentamento Santa Catarina / Monteiro-PB

**SUJEITOS DA PESQUISA:** Alunos (as)

**Turmas:** 1º ao 3º Ano do Ensino Médio

**Aluno(a):** Feminino Aluno 2

**Série:** 3º

**Idade:** \_\_\_\_\_

1- Para você o que é **linguagem**?

Linguagem é um modo de se expressar e comunicando com outras pessoas

2- Descreva em poucas palavras o que é **língua**:

Língua é o que usamos de um país para outro.

3- O que você sabe sobre os conceitos ou julgamentos **certo** e **errado** em relação ao uso da língua?

Quando a pessoa usa expressão mal ou fala errado, ou fala corretamente

4- Você já ouviu falar ou sabe dizer o que é **variação linguística**?

SIM      ( ) NÃO

*Exemplo citado*

5- Se a resposta for **sim**, o que você entende sobre **variação linguística**? Descreva em poucas palavras o que você sabe sobre o assunto:

Variação linguística é quando usamos uma língua para outra

6- No seu entendimento, o que é **preconceito linguístico**?

É quando uma pessoa acha por. ex. empresa e fala corretamente que a outra não presta fazer o mesmo, tanto na fala como na escrita

7- Você já sofreu algum tipo de **preconceito** por falar "diferente" ou por considerarem que você falou alguma palavra "errada"?

sim através das palavras pronunciadas incorretas.

↓ Exemplo citado

Obrigada pela participação!



## ANEXO C – Questionário respondido pelo aluno 3

## ANEXO-QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO

Lócus da pesquisa: E.E.E.M Bento Tenório de Sousa – Escola do Campo

Assentamento Santa Catarina / Monteiro-PB

SUJEITOS DA PESQUISA: Alunos (as)

Turmas: 1º ao 3º Ano do Ensino Médio

Aluno(a):

Masculino Aluno 3

Série: 2º

Idade: 16

Aluno 3 = exemplo citado  
↓1- Para você o que é **linguagem**?

Linguagem é um meio de comunicação entre as seres humanos

2- Descreva em poucas palavras o que é **língua**:

A língua é um modo de comunicação que cada país tem a sua língua própria

3- O que você sabe sobre os conceitos ou julgamentos **certo** e **errado** em relação ao uso da língua?

A linguagem certa e errada depende do seu estudo

4- Você já ouviu falar ou sabe dizer o que é **variação linguística**? SIM       NÃO

Exemplo  
citado ↓

5- Se a resposta for **sim**, o que você entende sobre **variação linguística**? Descreva em poucas palavras o que você sabe sobre o assunto:

a variação linguística é dar as  
linguagens em variações e nada  
de falar

6- No seu entendimento, o que é **preconceito linguístico**?

o preconceito linguístico é como ci-  
fada, rirismo não que nasce com  
a modo de falar

7- Você já sofreu algum tipo de **preconceito** por falar "diferente" ou por considerarem que você falou alguma palavra "errada"?

sim porque toda mundo não  
mas a alguns pessoas não entende  
a gente com melhora que as outras

**Obrigada pela participação!**

## ANEXO D – Questionário respondido pelo aluno 4

**ANEXO-QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO**

**Lócus da pesquisa:** E.E.E.M Bento Tenório de Sousa – Escola do Campo  
Assentamento Santa Catarina / Monteiro-PB

**SUJEITOS DA PESQUISA:** Alunos (as)

**Turmas:** 1º ao 3º Ano do Ensino Médio

**Aluno(a):** Aluno 4

**Série:** 1º ano

**Idade:** 14

1- Para você o que é **linguagem**?  
*Exemplo citado*  
↓  
É o nome idiosma e de outras pessoas em como os argentinos.

2- Descreva em poucas palavras o que é **língua**:  
*Exemplo citado*  
↓  
É uma palavra que descreve o nosso falar

3- O que você sabe sobre os conceitos ou julgamentos **certo** e **errado** em relação ao uso da língua?  
Não muito sei o que me ensinaram.

4- Você já ouviu falar ou sabe dizer o que é **variação linguística**?  
 SIM       NÃO

Exemplo citado  
↓

5- Se a resposta for **sim**, o que você entende sobre **variação linguística**? Descreva em poucas palavras o que você sabe sobre o assunto:

Uma variação de idiomas.

6- No seu entendimento, o que é **preconceito linguístico**?

É não aceitar outras pessoas por falar outro líquo.

7- Você já sofreu algum tipo de **preconceito** por falar “diferente” ou por considerarem que você falou alguma palavra “errada”?

Sim, por ser paráfrase.

Obrigada pela participação!

## ANEXO E – Questionário respondido pelo aluno 5

**ANEXO-QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO**

**Lócus da pesquisa:** E.E.E.M Bento Tenório de Sousa – Escola do Campo  
Assentamento Santa Catarina / Monteiro-PB

**SUJEITOS DA PESQUISA:** Alunos (as)

**Turmas:** 1º ao 3º Ano do Ensino Médio

**Aluno(a):**  
masculino Aluno 5

**Série:** 2º ano

**Idade:** 16

1- Para você o que é **linguagem**?

É existir vários tipos de linguagem e a que usamos é típica da nossa pais

2- Descreva em poucas palavras o que é **língua**:

é o que usamos para se comunicar

*Aluno 5 exemplo citado ↓*

3- O que você sabe sobre os conceitos ou julgamentos **certo** e **errado** em relação ao uso da língua?

4- Você já ouviu falar ou sabe dizer o que é **variação linguística**?

( ) SIM       NÃO

- 5- Se a resposta for **sim**, o que você entende sobre **variação linguística**? Descreva em poucas palavras o que você sabe sobre o assunto:

varios tipos de linguagem verbal  
musical

- 6- No seu entendimento, o que é **preconceito linguístico**?

preconceito acontece quando uma pessoa  
vai de sua cidade para morar em outro  
lugar diferente de sua linguagem.

- 7- Você já sofreu algum tipo de **preconceito** por falar "diferente" ou por considerarem que você falou alguma palavra "errada"?

Ja de vez em quando eu uso algumas palavras  
e alguém vem me corrigir.

Obrigada pela participação!

## ANEXO F – Questionário respondido pelo aluno 6

## ANEXO-QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO

Lócus da pesquisa: E.E.E.M Bento Tenório de Sousa – Escola do Campo

Assentamento Santa Catarina / Monteiro-PB

SUJEITOS DA PESQUISA: Alunos (as)

Turmas: 1º ao 3º Ano do Ensino Médio

Aluno(a):

Aluno 6 *Aluno 6*

Série: 1º Ano

Idade: 14

1- Para você o que é **linguagem**?

Para mim linguagem é o modo de falar e escrever.

2- Descreva em poucas palavras o que é **língua**:

Língua é o idioma usado em cada país.

exemplo  
cidade  
↓

3- O que você sabe sobre os conceitos ou julgamentos **certo** e **errado** em relação ao uso da língua?

Muitas vezes escrevemos do jeito que falamos e nem todas as palavras são escritas como dizemos elas.

4- Você já ouviu falar ou sabe dizer o que é **variação linguística**?

( ) SIM       NÃO

- 5- Se a resposta for **sim**, o que você entende sobre **variação linguística**? Descreva em poucas palavras o que você sabe sobre o assunto:

não sei.

- 6- No seu entendimento, o que é **preconceito linguístico**?

Exemplo citado  
↓  
É quando julgamos uma pessoa pelo jeito que ela fala

- 7- Você já sofreu algum tipo de **preconceito** por falar "diferente" ou por considerarem que você falou alguma palavra "errada"?

Já me corrigiram muito mas as pessoas que tinham falavam mais errado que eu.

Obrigada pela participação!



## ANEXO G – Questionário respondido pelo aluno 7

**ANEXO-QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO**

**Lócus da pesquisa:** E.E.E.M Bento Tenório de Sousa – Escola do Campo  
Assentamento Santa Catarina / Monteiro-PB

**SUJEITOS DA PESQUISA:** Alunos (as)

**Turmas:** 1º ao 3º Ano do Ensino Médio

**Aluno(a):** Aluno 7

**Série:** 1º ano

**Idade:** 15 anos

1- Para você o que é **linguagem**?

modo de

2- Descreva em poucas palavras o que é **língua**:

modo de

3- O que você sabe sobre os conceitos ou julgamentos **certo** e **errado** em relação ao uso da língua?

modo de

4- Você já ouviu falar ou sabe dizer o que é **variação linguística**?

( ) SIM      (X) NÃO

5- Se a resposta for **sim**, o que você entende sobre **variação linguística**? Descreva em poucas palavras o que você sabe sobre o assunto:

Nada

6- No seu entendimento, o que é **preconceito linguístico**?

Exemplo citação  
 não falar a maneira como tem que falar

7- Você já sofreu algum tipo de **preconceito** por falar "diferente" ou por considerarem que você falou alguma palavra "errada"?

Sí quando eu sou repreendida em algumas  
 vezes

**Obrigada pela participação!**

## ANEXO H – Questionário respondido pelo aluno 8

## ANEXO-QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO

Lócus da pesquisa: E.E.E.M Bento Tenório de Sousa – Escola do Campo

Assentamento Santa Catarina / Monteiro-PB

SUJEITOS DA PESQUISA: Alunos (as)

Turmas: 1º ao 3º Ano do Ensino Médio

Aluno(a):

Feminino Aluno 8

Série: 3º Ano B

Idade: 26

1- Para você o que é **linguagem**?

linguagem são todas as línguas  
usadas no mundo e em suas entre-  
ras.

2- Descreva em poucas palavras o que é **língua**:

língua para mim é a língua  
que eu falo.

3- O que você sabe sobre os conceitos ou julgamentos **certo** e **errado** em relação ao uso da língua?

Eu acho que depende da sua região por  
que pra você pode ser certo e para mim  
pode ser errado

4- Você já ouviu falar ou sabe dizer o que é **variação linguística**?
 SIM       NÃO

5- Se a resposta for **sim**, o que você entende sobre **variação linguística**? Descreva em poucas palavras o que você sabe sobre o assunto:

Sim eu acho que variação linguística  
é a variação de região para região.

6- No seu entendimento, o que é **preconceito linguístico**?

É quando a pessoa fala as palavras  
erradas por exemplo. gubêrno e é porteiro.

7- Você já sofreu algum tipo de **preconceito** por falar “diferente” ou por considerarem que você falou alguma palavra “errada”?

Sim Mas as pessoas que mim corrigi  
ram ~~me~~ falam errado também

**Obrigada pela participação!**